

PRÓLOGO

CENÁRIO: - UM QUARTO DE DORMIR EM CASA MODESTA, DE SUBURBIO. UMA CAMA DE SOLTEIRO, UMA MESINHA DE CABECEIRA COM LÂMPADA ELÉTRICA, UMA PEQUENA ESTANTE COM BIBELOTS E ALGUNS LIVROS, DUAS CADEIRAS, UM BIOMBO DE CHITRO A UM DOS CANTOS DO QUARTO E UM PEQUENO ORATÓRIO. AO ABRIR-SE O VELÁRIO, DONA CANDÓCA, SENHORA DE MEIA IDADE, ARRUMA ALGUNS GUARDANAPOS BORDADOS NA MESINHA DE CABECEIRA, NA ESTANTE E NAS COSTAS DAS CADEIRAS. A SEGUIR, COLOCA FLORES NOS VASINHOS QUE ESTÃO À FRENTE DO ORATÓRIO. ENTRA SEU DIONÍSIO, MARIDO DE DONA CANDÓCA, HOMEM DE IDADE AVANÇADA, CALMO, PACIENTE E BONANÇOSO. AMBOS VESTEM-SE SIMPLEMENTE, COMO SUBURBANOS REMEDIADOS. ELE CONSULTA O RELÓGIO.

DIONÍSIO

A que horas vai chegar o trem, minha velha? Telefonaram para a estação?

CANDÓCA

Não. Estávamos esperando que você telefonasse. A Helena e o José já estão lá há muito tempo. Se fossemos esperar pelo senhor, seu Dionísio, Maria da Penha chegava sem ter ninguém que a esperasse.

DIONÍSIO

Ouvi falar aí que o trem estava atrasado...

CANDÓCA

Pois é, estava atrasado, realmente, mas o senhor ainda se atrasou mais do que o trem. Aliás o que seria de admirar é que o senhor se adiantasse porque com a sua calma enervante eu nunca lhe vi correr para coisa nenhuma. É sempre esse passinho de boi manso.

DIONÍSIO

De vagar se vai ao longe, minha velha.

CANDÓCA

Pois é, mas depressa a gente chega primeiro.

DIONÍSIO

Mas você nunca ouviu dizer que os últimos são sempre os primeiros?

CANDÓCA

Tolices. Desculpas de mau pagador. A verdade é que se o trem não se tivesse atrasado e os meninos não fossem à estação esperar sua sobrinha, ela ficaria lá à sua espera sabe Deus até que horas, - quem sabe - a quantos perigos.

DIONÍSIO

Maria da Penha não é nenhuma criança, Candóca. Tem trinta e cinco anos saberia se defender.

CANDOCA

Mas não esqueça que nasceu e foi criada num lugar atrozadíssimo do interior e que é a primeira vez que vem à capital. Poderia ser facilmente ludibriada por qualquer gavião dos muitos que andam aí às soltas.

DIONISIO

As moças do interior, muitas vezes, são mais astutas do que as da cidade. Isso depende, ~~unkkaxkaxaxxxx~~ naturalmente, de uma série...

CANDOCA

(interrompendo-o) Bem, bem, Dionisio chega. Os meninos já foram esperar Maria da Penha e de nada adiantam, agora, discussões nem justificativas. Em vez de estar aí parado no meio do quarto, olhando o que eu faço, seria melhor que me ajudasse em alguma coisa.

DIONISIO

Está bem eu lhe ajudo. Diga o que devo fazer.

CANDOCA

Pergunte à Palmira se não esqueceu de fazer o arroz de leite para o jantar e diga-lhe que, se está tudo pronto, dê um pulo ao armazem da esquina e traga um pacote de farinha de arroz. (Ele vai sair) Espere aí. O que é que você vai dizer à Palmira?

DIONISIO (da porta)

Que ela não esqueça de preparar a farinha de arroz para o jantar e, se está tudo pronto, que dê um pulo ao armazem e traga um pouquinho de arroz de leite. Tão simples. Se eu não soubesse dizer isto...

CANDOCA

Pois não sabe. Inverteu tudo. Você é um verdadeiro trapalhão, Dionisio. Você parece que já nasceu invertido. Tudo o que você faz é ao contrário do que deveria fazer. (Ele tenta falar) Não, não, não perca tempo com justificativas inúteis. Vá à cozinha e diga à Palmira que desejo falar-lhe. É mais fácil e mais garantido.

DIONISIO

Está bem, eu vou. (Sai lentamente)

CANDOCA (apontando Dionisio)

Olha só. Olha o jeito disto! Oh meu Deus que este senhor meu marido!... Nunca vi coisa igual na minha vida!... Môle. Môle! É môle para tudo o coitado. Ele às vezes se esforça em se tornar mais ágil mas não dá mais. Já se habituou assim e é bobagem. Ah que se não fôsse a minha atividade eu nem sei o que seria da nossa casa, dos nossos filhos... enfim, eu é que sou o homem da casa. (olhando o quarto um momento, examinando-o) Creio que está. Penso que Maria da Penha vai gostar do quatinho que lhe preparei.

PALMIRA (à porta) (preta de meia idade)

A senhora chamô, dona Candoca?

CANDOCA

Sim. Está tudo pronto para o jantar?

PALMIRA (entrando)

Tudo, sim senhora.

CANDOCA

E o arroz de leite para a sobremesa você não esqueceu de fazer?

PALMIRA

Num insquici, num senhora. Tá lá.

CANDOCA

Muito bem, dê uma chegada então ao armazem da esquina e traga um pacote de farinha de arroz que amanhã é dia do meu jejum e vou passar a mão.

PALMIRA

Dona Candoca, primita a pergunta; eu sei que num tenho nada que vê com isso e que num é das minhas atreboição, mas porem ha munto tempo que eu tava pra lhe priguntá a rezão desse jumjum que a sinhora fais toda as sigunda fera. A sinhora é judéia?

CANDOCA

Que asneira é essa, Palmira? Então tu não sabes que sou católica? Não vêes que vou à missa todos os domingos?

PALMIRA

Vejo, sim sinhora, mais num tem nada que vê uma coisa ca otra. O jumjum é que é.

CANDOCA

O jejum é para manter a silhueta. Na época da velocidade e da energia atômica não se admite mais as mulheres gordas e pesadas. Compreendeste o que eu quis dizer?

PALMIRA

Cumprindi, sim sinhora. Quê dizê que a sinhora fais o jumjum pra capetá enelgias atônita. Agora otra prigunta que a sinhora vai me primiti: essa subrinha da sinhora que vai chegá do interiô é moça anssim como a dona Helena? (Ouve-se as vozes de Helena, Maria da Penha e José, ao fundo)

CANDOCA

Já vais saber. Parece que ela está justamente chegando.

PENHA (de dentro)

Titia! Titia!... Adonde que a sinhora se meteu, xentes?!... (entra com um baú de folha, um livro e uma gaiola com um canário) Ah tá aqui ela!... (Entram Helena e José. Penha solta o baú a gaiola e o livro e dirige-se para a tia. Abraçam-se efusivamente)

CANDOCA

Como vai, minha filha? Como deixou sua mãe? Todos ficaram bem?

PENHA

A mamãe tá boa, agardiada. Mandô umas ispiga pra sinhora. Tá aí no baú, depois eu vejo.

HELENA

Sabe, mamãe, que chegamos atrasados à estação? Por sorte o trem havia chegado na aquele instante e chegamos mesmo a tempo de solucionar uma pendenga da prima Maria da Penha com um outro passageiro.

PENHA

Foi sim, titia. Um caso sério.

CANDOCA

Mas o que houve, minha filha, conta.

PENHA

O caso foi o seguinte: eu botei o meu baú e a minha gaiola na partelera do trem. Me assentei, peguei o meu livro e fiquei lendo. Na estação emediata sôbe otro passageiro também com uma gaiola e um passarinho.

JOSÉ

E por uma coincidência interessante, as gaiolas eram perfeitamente iguais.

PENHA

Pois é, mas as gaiola não qué dizê. A roupage dos passaro era completamente defe-
rente. O meu é amarelo e o dele era preto. Na hora de apia eu peguei o baú nes-
ta mão e o passarinho nesta outra. Quando tô parada na "gare" oiando aquela gente
toda e procurando os primo, o diabo do home arresorvi vi reclamá que eu tava pegan-
do o passarinho dele.

RELINA

E foi uma luta para convencê-lo do contrário. A senhora nem imagina.

JOSÉ

A luta maior foi para conter Maria da Penha que estava indignada e queria avançar-se no homem.

PENHA

E queria mesmo. Mas foi disaforo a senhora não acha? E levá disafôro pra casa eu
nunca levei.

DIONISIO (entrando)

Oh, minha filha, você já chegou? (Abraga Maria da Penha. Esta beija-lhe a mão)

PENHA

Que séculos!... Tô aqui desde... Uns deiz minuto já, não é titia?

CANDOCA

Mais, talvez. Mas o seu tio anda sempre estrazado. Não repare.

PENHA

Eu já tinha perguntado pelo senhor. Parece que perguntei. Não perguntei, não, ti-
tia?

CANDOCA

Não, minha filha, não perguntou mas não tem importancia nenhuma?

PENHA

Não perguntei, não? Pois olha eu era capaz de jurá que tinha perguntado.

DIONISIO

E sua mãe como ficou?

PENHA

A mamãe tá bôa. Andô meia derriada em a morte da Tortóla mais agora já se arre-
feiz.

CANDOCA

Com a morte da Tortóla? Quem é a Tortóla?

PENHA

A vaca dela que morreu dum bicho balne, a senhora não sabia.

CANDOCA

Ah, era uma vaca!...

PENHA

Pois é, mas era uma vaca de muita estima.

JOSÉ

Mêe, se a janta vai demorar eu vou dar um pulo até à praieinha que preciso falar
com um colega.

CANDOGA

Póde ir mas não demore. Vou só esperar que Penha tome o banho para mandar servir o jantar. (José sai)

PENHA

Que banho? Eu não vou tomá banho, não titia.

CANDOGA

Ah não vai? Eu pensei que você quizesse.

PENHA

Não quero, não. Hoje não é dia.

CANDOGA

Então, Palmira, vá dizer ao José que não saia que o jantar já vai para a mesa.

PALMIRA

Não posso, patrão.

CANDOGA

Não póde porque?

Pulque eu ainda nem compramentei a moça que chegô como é que eu vô sai ansim às inglesas? Não é direito.

CANDOGA

Mas ela já está aqui ha tanto tempo, você não cumprimentou porque não quis.

PALMIRA

Pulque não quis não sinhora. Eu não podia me digiriz a uma pessoa que eu não conheço. Ninguém me apresentô à moça.

HELENA

Ah, mamãe, ela queria uma apresentação especial.

PALMIRA

Decerto. Pelo caso de eu sê domestica não dexo de sê omã.

PENHA

É. Pelos consiguiente alegado a reelamação é precedante. (apertando a mão de Palmira) Maria da Penha Polguados. Uma criada às ordens.

PALMIRA

Palmira Anunciação de Jesus. Uma amiguinha ao seu dispô.

PENHA

Palmira Anunciação de Jesus. Que nome chies! Anunciação de Jesus. Lá perto do nosso sitio tem umas pessoa com esse nome, Anunciação de Jesus. Não se dará o uso de serem parentes consanguinios?

PALMIRA

É prováver, mas porem eu sô nascida aqui mesmo. Sô filha de Maria Teresa Anunciação de Jesus, lavadêra do arsená e pai inguinorado.

PENHA

Ah!... Então vai vô que são parentes co-lateral.

HELENA (rindo-se)

O que vem a ser isto, prima Penha? Póde esclarecer?

PENHA

Meu Deus! É uma coisa que a própria palavra tá dizendo. Co-lateral. Parente co-lateral. Parente dum lado só. (Campainha da rua)

CANDÓCA

Vá ver quem está batendo, Palmira. (Palmira sai)

PENHA

Se ela disse que é filha da lavadeira do arsená e de pai inguinorado ela só pôde sa bê os parente da sua mãe.

HELENA

Os parentes da minha mãe?

PENHA

Não, minina. A sua mãe não tem nada que vê com isso. Dixa a sua mãe descansada. Isola ela que eu também vê isolá a minha. (bate na madeira) Os parente da sua, dela, mãe. Da mãe da Palmira.

HELENA

Ah, sim. Agora compreendi.

PENHA

Pois é e uma vez que o pai é inguinorado os parente dele ela não pôde sabê. Pelma nece incognito. Daí o derivativo da palavra pro parentesco. Co-lateral.

PALMIRA

Tá aí o seu Basilio.

CANDÓCA

Ah o mano Basilio. Com certeza veio saber como você chegou. Mande-o entrar para cá, Palmira. Ele é de casa.

BASILIO (gago)

Já-já... já-já... já entrei!

PENHA (abrindo-o)

Oh, titio, como vai?

BASILIO

Beem obrigado e tu mi-mi... mi-mi... minha filha?

PENHA

Eu vou indo aqui meio infezada, ainda com o negocio do passarinho do velho...

BASILIO

Com o nego..ocio do pa-pa...passarinho do velho?

PENHA

É. Ele não sabe, ainda, não? Ah não sabe. Ele chegou agora. É uma historia aí muito complicada de pegou o passarinho, não pegou o passarinho. O passarinho é meu. Não não é teu, é meu. Mostra o passarinho, não mostra, não tenho nada que mostrá... Depois eu me mostro o passarinho pro senhor. Ô... qué dizê... depois eu conto essa historia toda pro senhor. Agora vamo conversá outras coisa. O senhor sempre bunitão, hein tio Basilio?

BASILIO

Queaal o que. Nada disto.

PENHA

E sempre fazendo boquinha. Negocio de casa neceas, não?

BASILIO

Antes só-fo que mal-foz esparado. comprehendo.

PENHA

É o que eu digo sempre. O senhor é da mesma teoria que eu. O senhor pensa, eu já pudia está casada há muito tempo se quizesse casá com qualquer um. Num quis. Deus me livre. O que apareceu até agora tudo era espeto.

BAZILIO

E a gente se espe-tar não, não, não-não vale a pe-pena.

PENHA

Eu não digo que eu não me espete um dia, mas espetá sabendo é bestera, não é mesmo?

DIONISIO

Mas como é, minha velha, não se janta hoje?

GANDOCA

Cale a boca. Você não tem nada que dar palpite aqui, não. Palmira, ponha o jantar na mesa e venha avisar-nos. (Palmira sai)

HELENA

O José não está aí, mãe, foi até à pracinha falar com um colega.

GANDOCA

~~Mãe~~ Mas nós não vamos ficar aqui à espera de que o seu irmão se resolva a vir. Quando ele chegar ele janta. Janta com-nosco, mano?

BAZILIO

Sim. Eu vim mesmo de propósito pa-pa... pa... para jantar com vozes. Eu sabia que Maria da Pe-pe... pe-pe... Penha chegava e não quis fa-fa.. fa-fa... faltar. Hoje até eu tinha que jantar mais cedo para ir ao jo-jo... jo-jo... jo-jo...

PENHA

Jogo de furtibola?

BAZILIO

Não. Para ir ao jo-jo... jo-jo... jo-go...

Jogo de boxe?

BAZILIO

Também não. Para ir ao jo-jo... jo-jo...

PENHA

Jogo de vispra?

BAZILIO

Não.

PENHA

Puxa mais eu não acerto uma!

BAZILIO

Para ir ao jo-jo... jo-jo...

PENHA

Disimbuxa logo, tio Basilio. O senhor fica aí jogando jô-jô e a gente nãssa agonia que nunca se acaba.

BAZILIO

Para ir ao jornal revisar umas provas de um arti-igo meu que va-va-va! sair ama nhã.

PENHA

Isso não é nada. Mas jornal. Por isso que eu não acertava.

PALMIRA (entrando)

A janta tá na mesa.

CANDÓCA

Vamos então. (Dionísio e Basílio saem) Ven , minha filha, vamos jantar. Você deve estar com fome.

PENHA

Não tô, não, tia Candóca. Comi tanto bolinho no trem e chupei tanta tangerina que tô cansada de cumê e de chupá. Eu quiria era outra coisa, sabe tia Candóca.

CANDÓCA

Outra coisa?

PENHA

É, outra coisa, sim.

CANDÓCA

O que é que você queria, minha filha?

PENHA

Ah eu tô com vergonha de dizê.

CANDÓCA

Diga, minha filha, que bobagem é essa? Vergonha porque?

PENHA

Eu quiria... Eu vô dizê no ouvido. (Segreda algo no ouvido de D.Candoca)

~~HELENA~~ CANDÓCA

Mas minha filha você vai dormir sem comer nada? Bolinho e tangerina não é alimento.

PENHA

Mas eu não quero nada, não. Não tenho vontade, tô muito fatigada da viagem. (Helena vê o livro e começa a folheá-lo)

CANDÓCA

Está bem, então você vai me dar licença que eu tenho que atender o jantar. Palmira fica aí com você para atendê-la. Qualquer coisa que você precisar peça a ela. (saindo) Venha minha filha.

HELENA

Já vou, mãe. (Candoca sai.) Esse livro é seu, prima Penha?

PENHA

É meu, sim. Comprei na estação pra lê na virgem.

HELENA

Você agora já sabe ler?

PENHA

Ah, sei. O seu vigário me insinô. No principio eu achava tã difirei, tã difirei, que nem sei. Lia as coisa engatinhando. Agora já leio tudo de infada. Não paro nem nos ponto. Se me largarem eu me vô que pra pará é preciso ~~xxxxxxx~~ arguem me assigará. Já li muitos romances. Que bonito que é romance, não é prima? Não acha, não.

HELENA

Conforme os romances. Ha uns muito bonitos outros não valem grande coisa. Que romances que você leu?

PENHA

Ah já li muitos. "Maria a fada do bosque" Você não leu?

HELENA

Não.

PENHA

Ah! Uma beleza. É desses livro que quando a gente termina fica com vontade de chorar. E li outros também. Dá pra vê se eu me alembro dos nome.... "Rapatada na noite de nupcias"... Ih esse então é de dá o coração da gente lantejante. O coração, a cabeça, a gente fica toda lantejante.

HELENA (rindo)

Que horror, meu Deus!... É que outros livros você já leu?

PENHA

Li o noivado na estatumba...

HELENA

Noivado no sepulcro, esse eu conheço.

PENHA

Pois é. Li as Memória de D. João VI, li os três cortinado.

HELENA (rindo)

Trez cortinados não, Penha. Tres Mosqueteiros.

PENHA

E cortinado e mosquetero não é a mesma coisa? Não é pra agarrá mosquito igual? No fim da certo.

GAUDÓCA (gritando de dentro)

Helena, minha filha, a sopa vai esfriar.

HELENA (gritando)

Já vou, mãe.

PENHA

Vai, vai duma vez. Vai tomá a tua sopa antes que caia moses. (Helena sai) Ai meu Deus, eu tô tão cansada, tão cansada. Tô loca pra me atirá nessa cama e me abraçar com molfeu.

PALMIRA

Quem é? É o seu namorado, é?

PENHA

Credo, minina, não diz bobage. Molfeu é o sono. Em palavras simplificada que disse que eu tô roxinha pra me deitá e pra drumi.

PALMIRA

Então eu vô abri a cama pra senhora.

PENHA

Pois é e enquanto tu abre ela eu vô tirá essa roupa e botá outra indumentária pra drumi. (Leva o baú de folhe para tras do biombo).

PALMIRA

O que é que a senhora disse que vai botá? (Começa a abrir a cama)

PENHA (de tras do biombo)

A indumentária de drumi. Trocado em miúdo que disse: o pijô, a camisa cumprida, o o robes de chambre, essas ropa que a gente bôta pra se deitá.

PALMIRA

Ah. agora cumprindi.

PENHA (De traz do biombo)

Chi!.. O milho tá todo misturado com a minha roupa.

PALMIRA

Pulque que a senhora trouxe esse passarinho, hein dona Maria da Penha?

PENHA (de traz do biombo)

Pulque eu tô muito habituada com ele não posse me separá.

PALMIRA

E a senhora vai chamá ele aqui dentro do qualto ou levo lá pra varanda?

PENHA (de traz do biombo)

Não, não leva, não. Dixa ele aí. Ele é o meu relógio despertadô. De manhã é ele que me acôrda com os trino dele. É um gosto vê como ele canta de manhã, Palmira. Tu nem sabe.

PALMIRA

Ele num tem nome, não, dona Maria da Penha?

PENHA (de traz do biombo)

Ah tem. Se chama Bedú. Tu não acha um nome chies?

PALMIRA

É, sim, é um nome bem gentirsinho. Mas eu gostava mais de Coroliano.

PENHA (de traz do biombo)

Como é que tu disse?

PALMIRA

Eu gostava mais de Coroliano.

PENHA (Idem)

Coroliano?

PALMIRA

É, sim senhora.

PENHA (idem)

Ah, não. É um nome muito difirei da gente dizê.

PALMIRA

Ah pois é. É instrangero. Pulque será que os nome instrangero é tão difirei da gente dizê, a senhora não acha? Quando nós morava lá no Rizeho nós tinha um visinho que era alemão. A senhora é de crê que o pobre do home falava, falava, falava e a gente num intindia nada que o coitado dizia? Intê o nome do infilizio nós ninguém sabia dizê. Eu quiria vê se pudia me alembra pra dizê pra senhora mais não me alembro. Ele tombem não sabia dizê o nome da gente. Chamava a gente tudo de missa.

PENHA (idem)

Ah, intão não era alemão, era ingreis. Ingreiz é que tem a mania de chamá as moça de missa. Mania besta, tu não acha?

PALMIRA

É, sim. Mas dona Maria da Penha: inda que mar prigunte que eu num tenho nada que é vê cum isso, o que é que a senhora tá fazendo aí diatreiz desse biongo que fais tem po, já, que a senhora tá aí?

PENHA (Idem)

Ué, o que é que eu tô fazendo! Pois eu não te disse que vinha butá as minhas indo-mentária de drumi? É isso que eu tô fazendo.

PALMIRA

Pois é, mais a senhora tá dimorando tanto que eu tô com arreccio que a senhora te
nha tido uma síncope. A senhora num teve?

PENHA

Não tive não. Si eu tivesse eu dizia pra você. (Aparecendo com um camisão de dormir
ou qualquer outra coisa que o substitua, à gosto da atriz) Pronto, ó. Dimorei mais
punque as verdura e os milho tava tudo entreverado com as ropa e eu tive que apar
tá. (mexe-se, constantemente, sentindo que qualquer coisa a incomoda) A mamê mandô
tanta verdura pra tia Cândoa que o baú tem mais verdura do que roupa. Tu gosta de
verdura, Palmira?

PALMIRA

Não sô muito amantética. Perfiro mais os legume.

PENHA (remexendo-se)

Ah, eu não. Eu gosto de verdura! Ih, sô roxa por verdura. Iseuta aqui, Palmira, vê
o que é que eu tenho que tá me incomodando aí, nas costa.

PALMIRA (Olhando) Нada, nada, nada

Nada, não senhora.

PENHA (remexendo-se)

É uma coisa que tá me dando uma ingunia, uma ingunia que nem sei.

PALMIRA

Mas num tem nada, não. Anssim que a vista aliancee, pulo menos, não tem.

PENHA

Aêho que é i a ropa que incolheu com a lavage. (Vai sentar-se e levanta-se brusca-
mente, como se qualquer ~~qualquer~~ coisa a tivesse ragoado) Não pôde sê, Palmira,
eu agora sinti bem patente. Deve de tê algum corpo extranho nas minhas costa.

PALMIRA

Mas num tem nada, nada. Tá lisinho, lisinho.

PENHA (assustada)

Lisinho?

PALMIRA

Lisinho, lisinho!

PENHA

Meu Deus!... Qué vê que eu perdi? (bóta as mãos nas cadeiras, apalpa-se e, já tran-
quila) Buaêra. (remexendo-se) Mas não pôde sê, Palmira, eu tô me sintindo ingunia
da. Mete a mão aí por cima e percure. Percure a que tu tem que achá.

(Palmira mete-lhe a mão pelo decote do camisão, na parte das costas. Começa a procu-
rar. Penha sente cocegas e esquiva-se até que depois de algum tempo de busca, Palmi-
ra grita entusiasmada).

PALMIRA

Achei! Achei, dona Penha. Tô cun ela sigura na mão.

PENHA

Ela o que?

PALMIRA

A ingunia. Pêra um meadinho que eu vô tirá. (Depois de algum esforço tira um molho
de nabos) Óia aqui, dona Penha, o que era!...

PENHA

Ah!... Eu lôgo vi! Por isso que eu tava sintindo uma ingunia tão grande. Os nabo
que a mamê mandô pra tia Cândoa! Bóta lá no baú otra veiz.

Palmira
(Penha vai botar o mólho de nabos no baú e Penha deita-se, espreguiçando)

PALMIRA (voltando e vendo Penha)

Mais!... A sinhora ansaim istirando os braço parecia uma artista que eu vi ontente numa fita de cenema que eu fui vê.

PENHA

Ah é? Tu acha mesmo?

PALMIRA

Sem tirá nem butá.

PENHA

Ih eu tinha uma vontade de sê artista. Mais não era artista de cenema, não. Eu quiri sê artista de drama. De arrepresentá nos teatro.

PALMIRA

E pulque que a sinhora apertiria o teatro? Num gosta de cenema?

PENHA

Gostá eu gosto mais pra sê artista eu quiria se de drama. Cenema eu vô pocas veis. Mais espetaco de drama e cavalinho é só aparecê lá na vila e eu tô rente que nem pço quente. Tu é de orê que fazis mais de nove mais que eu não vô num cenema? (Pega o livro).

PALMIRA

É tempo.

PENHA

É tempo, não é? A urtima vez que eu fui foi quando levaro aquele firmo " A ponte de Warteclós ". Por aí tu vê que tempo fazis.

PALMIRA

É fazis tempo. Eu tambem vi a ponte de warteclós. Achei muito enies. E esse livro que a sinhora tá lendo ele é bço, dona Penha, é?

PENHA

Ah!... Um dilirio!... Tem cada pedaço! Cada pedaço!... A gente chega a sinti estre mecê os fio de cabelo.

PALMIRA

Como é o nome do título que ele se chama, hein dona Penha?

PENHA (com ênfase)

A DAMA DAS CARMELIAS

PALMIRA

Que pena que eu num sei lê, sinão a sinhora me emprestava, num me emprestava dona Penha.

PENHA

Ah emprestava. Eu gosto de emprestá. Eu empresto tudo. A única coisa que eu seria espais de não imprestá, si eu tivesse, era marido. Marido sim, não é? Marido a gente não empresta.

PALMIRA

Então o livro é uma beleza, é dona Penha?

PENHA

É uma heestombe. Tu qué vê só? Eu vô lê uns pedacinho pra ti uvi.

PALMIRA

Le dona Penha, lê. Ih eu gosto de drama. É drama, num é dona Penha?

PENHA

É, sim. Ó, deixa vê um pedaço bem bonito... (folheia o livro) Esse aqui. (lendo) Margarida Gautiér tinha os cabelo negro como jasper, naturalmente ondulados, re partidos ao centro e perdendo-se para tras em fartos bandos. Nos lobúlos das oreia fariseavam sempre dois belissimos brilhante, no valor de quatro a cinco mil francos cada um. Mesmo com a vida ardente que levava, Margarida conservava no rosto uma expressão verdadeiramente vergenal. Margarida assestia todas as premiere representação a passava as noite nos teatro ou nos baile.

PALMIRA

Que vida bôa, hein dona Penha? Se a gente pudesse fazê a mesma coisa...

PENHA

É, mas por causa disso ela morreu tuberculosa.

PALMIRA

É, dona Penha? Morreu?

PENHA

Morreu, mas isso já é mais lá pro fim do romance. (bocej) Escuta que eu vô per sigui. (lendo) Sempre que se encontrava com ela no teatro, tinha-se a certeza de encontrá tambem treis coisa que ela nunca se asseparava: o seu lorguenhon, um saço de confeito e um ramo de carmelia. As carmelia era branca durante vinte e cinco dias do meiz e vermelha nos cinco dia restante. (boceja) Nunca se soube a razão desse fâqueto.

PALMIRA

É que ela gostava de avariá, com calteza.

PENHA (bocejando muito)

Margarida Gautiér nunca fôra vista com outras flôr senões carmelia, e por isso a sua flcrista apelidou-a de Dama das Carmelia. (Boceja muito, estira-se na cama e começa a ler quasi dormindo) Toda a gente sabia... na sociedade de Paris... que Margarida fôra amante... dos jovens mias... elegantes... da cidade...

(Cala-se, venáda pelo sono. O livro cai das suas mãos. ^{Palmira} ~~Penha~~ levanta-se e vem espiar bem perto dos seus olhos. A esta altura já sua respiração é profunda. Palmira agarra o livro do chão e coloca-o na mesinha de cabeceira. Acomodá-lhe as cobertas. Penha começa a roncar profundamente. Palmira apaga a luz e sai. A cena fica uns momentos no escuro, ouvindo-se, apenas os roncões profundos de Maria da Penha. Abre-se a cortina, ao lhand e aparece o cenário luxoso de uma sala em casa de Dama das Camélias. E começa então o

12 A C T O

(Estão em cena Armando e Prudencia. O personagem de Armando é representado pelo mesmo que fez, no prólogo, o papel de José. Prudencia é a mesma D. Candoca. Ambos vestem-se ao estilo da época).

PRUDENCIA

É extranho como Margarida está demorando. Nanine, ao receber-nos, afirmou que dentro de dez minutos ela estaria de volta. Ha quanto tempo estamos aqui?

ARMANDO

Oreio bem que ha mais de uma hora.

PRUDENCIA

Quem sabe prefere voltar depois?

ARMANDO

Não. Prefiro ficar. Pelo prazer de receber um olhar e um sorriso de tão encantadora creatura, eu ficaria aqui, de bom grdo, um dia inteiro se tanto fosse necessário.

PRUDENCIA

Meu Deus! Vejo que está profundamente impressionado por ela. Sómente seria muito perigoso ficarmos aqui um dia inteiro. Correríamos o risco de ter algum encontro desagradável.

ARMANDO

Como assim, Madame Prudencia? Não cheguei a compreender sua insinuação. Quer es-
clarecê-la?

PRUDENCIA

É que Margarida é protegida por um velho Duque ciumentíssimo. Se ele nos encon-
trasse aqui não sei o que sucederia.

ARMANDO

Ah, sim. Compreendi agora. Com que então ela é "protegida" de um velho Duque?

PRUDENCIA

Sim.

ARMANDO

A expressão "protegida" está bem achada.

PRUDENCIA

E é, verdadeiramente, a única que se pôde empregar no caso, creia. Digo-lhe mais:
o pobre velho ficaria bem atrapalhado se fôsse seu amante.

ARMANDO

Será por isto, então, que ela está sempre só no teatro?

PRUDENCIA

Justamente. Mas na saída ele vem sempre buscá-la.

ARMANDO

Eu daria, de boa vontade, dez anos da minha vida para estar no lugar desse velhote

PRUDENCIA

Por mim ela já teria desistido, há muito tempo, de semelhante proteção.

ARMANDO

Por que?

PRUDENCIA

Porque o velho é muito egoísta e não é nada divertido viver-se a vida que ela le-
va. Além disso torna-se insípido chamando-a de filha e tratando-a como se fôsse
uma criança. E o pior de tudo são os criados que ele bota a rondar a porta para
cuidar quem entra e quem sai, quando, por acaso, dá-se conta que ela esteja preten-
dendo encetar alguma nova aventura. Só isso seria razão suficiente para que o
mandasse passar.

ARMANDO

E ele vem aqui todas as noites?

PRUDENCIA

Todos os dias. À noite não faz mais do que deixá-la à porta, em sua própria car-
ruagem, recolhendo-se, em seguida, para sua casa.

ARMANDO

E ela o que faz? Vai em seguida deitar-se?

PRUDENCIA

PRUDENCIA

Não. Venho sempre fazer-lhe companhia. Conversamos, geralmente, até às duas, tres horas da madrugada. Margarida não pôde dormir antes disto.

ARMANDO

Por que?

PRUDENCIA

Porque sofre do peito e quasi sempre tem febre.

ARMANDO

Coitada!... (Pausa) É o que conversam até tão tarde, Madame Prudencia?

PRUDENCIA

Óra, o que conversamos! Nunca nos falta assunto. Comentamos as peças de teatro que ambas assistimos, as aventuras das nossas amigas, os passeios que fizemos e falamos sempre muito em mōdas. Como sabe, sou eu que lhe faço os vestidos e neste particular nunca o assunto nos falta. (Campanha da rua) Olhe. Deve ser ela que vem chegando. (indo à porta de dentro e gritando) Deixe que eu atendo a porta, Nanine. (a Armando) Com licença, senhor Armando.

ARMANDO (nervoso)

Pois não, pois não. (anda, agitado) Ela enfim!... Que deverei dizer-lhe quando Madame Prudencia nos apresentar? Muito prazer? É pouco. Muito pouco. Eu deveria dizer-lhe tudo. Tudo o que sinto. Tudo que a sua beleza me inspira. Mas terei a calma precisa para tanto? Ainda nem sequer avistei-a e já estou a tremer como criança medrosa.

(ouvam-se as vozes de Gastão e Prudencia. Esta mostra-se contrariada com a presença de Gastão em casa de Margarida.)

PRUDENCIA (entrando)

É Gastão. O imprudente e teimoso. (Armando sacode a cabeça, contrariado) Cansei de recomendar-lhe que não viesse aqui. Que nos esperasse lá em casa. (a Gastão) Você parece que sente prazer em complicar as coisas, Gastão.

GASTÃO

Óra que tolice! Não vejo razão nenhuma para tantos cuidados. Conheço Margarida ha muito tempo e parece-me que não ha mal nenhum em que venha visitá-la. E alem do mais vocês ficaram de me chamar em seguida e eu lá fiquei sósinho até agora, à espera.

ARMANDO

Sou o único responsavel pela demora tão grande, Gastão. Como Margarida ainda não tivesse regressado do teatro, supliquei de tal forma a Madame Prudencia que a esperasse que ela não teve outro remedio sinão aceder.

GASTÃO

Está bem. Até aí está tudo muito certo, só o que me parece que não custava nada era Prudencia chegar à janela e dar um grito para a sua casa, avisando-me que iam demorar. Pensei que me tivessem esquecido e tomei a deliberação de vir. Aqui tem a chave da sua casa. (extende-lhe uma chave que Prudencia não agarra)

PRUDENCIA

Volte para lá, Gastão. Não seja imprudente. Não procure complicar as coisas.

GASTÃO

Mas francamente! Não vejo em que a minha presença em casa de Margarida possa complicar qualquer coisa.

PRUDENCIA

Você bem a conhece e sabe que ela não gosta de receber visitas sem estar avisada.

GASTÃO

Direi que vim apresentar-lhe o meu amigo Armando.

PRUDENCIA

Neste caso, então, a minha presença aqui é demais e eu me retiro.

ARMANDO (assustado)

Não, não. Por favor, Madame Prudencia, fique. O Gastão irá esperar-nos em sua casa// a meu pedido. Vá, Gastão, eu lhe peço.

GASTÃO

Está bem, eu irei. Imponho uma condição, no entanto. Quando Margarida voltar do Va-riedades vocês estão no compromisso de convencê-la de irmos todos ceiar no Chateclair Combinado?

PRUDENCIA

Não podemos assumir tal compromisso com você, Gastão. Você a conhece muito bem para saber que ela só faz aquilo que tem vontade. O máximo que poderemos prometer é pro- curar fazer com que ela aceite o seu convite.

GASTÃO

Está bem. Façam isto, então. Digam-lhe que deverá estreiar hoje no Chateclair uma or- questra Vienense que vem precedida de grande fama. Pôde ser que com esta noticia ela se entusiasme.

PRUDENCIA

Está bem, diremos isto e tudo mais que nos ocorrer no momento, para animá-la. Mas volte lá para casa e espere-nos que não devemos demorar. Creio que, agora, a todo o momento, Margarida deverá chegar.

GASTÃO

Muito bem. Eu ficarei lá à espera e só lhes peço que façam o possível para não demo- rar muito mais. (Sei, com um aceno a Armando.)

PRUDENCIA

Com licença, senhor Armando, vou acompanhá-lo para fechar a porta. (Armando curva-se assentindo.) Voltarei em seguida. (Sei)

ARMANDO

(depois de dar alguns passos pela cena e observar vários quadros e objetos) Como cus- ta a passar o tempo quando se espera pela mulher amada! É quando o que espera já é naturalmente impaciente como eu, aí então é que cada minuto tem a duração de um sé- culo. Mas agora, ainda que tivesse que ficar aqui a noite toda, eu não sairia sem vê-la. (Dá mais alguns passos. Prudencia volta)

PRUDENCIA (voltando)

Ora até que enfim ele foi! Gastão é um ótimo rapaz e o aprecio muito mas como tei- moso desconheço outro que se lhe compare. Perdõe, é seu amigo, mas não sei guardar o que sinto.

ARMANDO

Não tem nenhuma importancia, Madame Prudencia. É uma apreciação como qualquer outra. Ademais, reconheço também em Gastão tal defeito. (Campainha da rua)

PRUDENCIA

Será possível que ele tenha voltado? (vai sair)

ARMANDO

Não, Madame Prudencia, não me deixe só. Deve ser ela agora.

PRUDENCIA (rindo-se)

Óra esta!... É mesmo que seja Margarida, por que tem medo de ficar só?

ARMANDO

Não sei, é que... eu estou nervoso, sabe? Estou nervoso e a sua presença me infunde coragem.

PRUDENCIA (rindo)

Se a minha presença infunde coragem a questão não é de nervos e sim de medo.

ARMANDO

Ben, mas a senhora compreende... uma coisa é consequencia da outra. (nova batida na campainha) Não vá, peço-lhe. Fique aqui comigo.

(Nanine atravessa a cena sem dizer palavra e vai abrir a porta. É a mesma preta Palmira do prólogo, apenas na indumentária de criada daquela época)

PRUDENCIA

Está muito bem, ficarei aqui com o senhor. Mesmo porque Nanine já foi abrir a porta.

ARMANDO

Como crê que ela me receberá?

PRUDENCIA

De maneira amável, naturalmente. Nem posso compreender/ porque esteja assim com tanto medo. Não me parece que Margarida seja nenhuma... Olhe, aí está ela.

(Entra Margarida, que é a mesma Maria da Penha, vestida à época, segundo o gosto da atriz. Traz um saco de confeitos e ela vem chupando um pirolito)

MARGARIDA (Zangada)

Vocês é bem noventa, mesmo. As duas parada aqui dentro e eu lá fóra esperando. O que é que vocês tava fazendo que... (transição, deparando com Armando) Ah, discur pe... (rindo forçadamente) eu inguinorava que tava aqui um cavaleiro...

PRUDENCIA

Margarida, minha boa amiga, desculpa se invadi a tua casa, acompanhada de alguém que te é extranho mas já estivemos duas vezes aqui à tua procura e como tardasses em vir resolvemos esperar-te porque o senhor Armando Duval aneliava por conhecer-te.

MARGARIDA

Pois é, eu demorei pra xixá, não foi? O samvelgonha o Duque prometeu de i me bus cá e me deu o bolo eu tive que vim de apê.

PRUDENCIA

Deixa que te apresente mais um ardente admirador da tua graça e da tua beleza. (Margarida começa a balançar o corpo, de rosto virado, como roceira envergonhada) Aproxime-se Armando. (Ele se aproxima encabulado e nervoso) Apresento-lhe a minha encantadora amiga Margarida Gautier, a quem tanto o senhor desejava conhecer pessoalmente.

(Armando curva-se muito, respeitoso, permanecendo algum tempo na posição de curvatura. Margarida, sem olhar para ele, estende a mão para ser beijada. Sentindo, porém, que ele não a segura nem a beija, impelida várias vezes em direção a ele, até que Prudencia toca-lhe no braço, mostra-lhe a mão de Margarida e faz-lhe sinal para que a beije. Ele obedece. Margarida faz o gesto de quem sente um arrepio pelo corpo e sorri enlevada).

ARMANDO

Oh, Mademoiselle!... Quão ditoso é este instante para mim!... Armando Duval, um escravo da sua graça e da sua beleza.

MARGARIDA

Margarida Gautier ou a Dama das Carmelias, como quizê. Uma amiguinha às ólde.

ARMANDO

Obrigado, mademoiselle. Muito obrigado.

MARGARIDA

Se assente, seu Dolval.

ARMANDO

Prefiro que me chame de Armando, Mademoiselle. Sentir-me-ei mais feliz ouvindo-a tratar-me com maior intimidade.

MARGARIDA

Tá muito bem, se assim o requer... Se assente seu Armando. (Ele se senta. Ela e Prudencia fazem o mesmo)

PRUDENCIA

Sabes, querida?... Gastão de Rieux está em minha casa à nossa espera para irmos to dos juntos ceiar no Chanteclair.

MARGARIDA

Não convem, o tempo não tá muito sincero e eu não posso apenã humidade. Acho que vem muita chuva porque eu tô com os meus calo duendo que é uma miseria. (Tira um o sapato de um pé e começa a esparramar os dedos) Se voçeis quizesse me dá o gosto da companhia nós jantava aqui mesmo.

PRUDENCIA

O que diz, ~~knows~~ senhor Armando?

ARMANDO

Eu ficaria encantado, Madame Prudencia.

MARGARIDA

Pois intão tá combinado. Óia aqui, Improdencia, tu vai dizê pra Manine que é pra bñ tá a mesa e aquecê xij a janta pra nós.

PRUDENCIA

Irei em seguida, sim, porque estou com um apetite formidavel! (Sai)

MARGARIDA

(depois de uma pausa em que se derrete toda para Armando, olhando-o por cima do leque) Bale, seu Dolval. (Ele permanece encabulado e sem jeito) Diga alguma coisa pra gente uvi.

ARMANDO

O que poderei dizer-lhe, menina Gotier? Repetir-lhe que ansiava pelo instante de conhecê-la pessoalmente? Isso a menina já o sabe de sóbra. Disse-lho Madame Prudencia e eu mesmo o repeti quando aqui entrei.

MARGARIDA

É? E ouviu falá muitas veiz da Mademoiselle Margarida Gantiér?

ARMANDO

Muitas. Inúmeras vezes. E costumava a ver passar, todas as tardes, no seu coupê, pelos Campos Elíseos.

MARGARIDA

É, sim, eu costumava dá uma vortinha intê lá pra me intertê.

ARMANDO

Ficava a olhar a carruagem até que ela se sumia na distancia. Sua imagem ficava comigo, gravada na retina dos meus olhos.

MARGARIDA

Que bunito! Persiga seu Almando, persiga.

ARMANDO

Uma tarde o coupê não apareceu. Fui saber, depois, que Mademoiselle havia adoecido gravemente e desde então vinha diariamente a esta casa pedir notícia suas ao porteiro.

MARGARIDA

Hó!... Era então o sinnor que vinha sabê nuticias minha todos os dia e não dizia o seu nome?

ARMANDO

Eu, sim. Armando Duval. O escravo da menina Gautier e dos seus encantos!

MARGARIDA

Almando, como tu é bõ, rapazi! É por acuso era o sinnor tambem que me mandava siguido uns ramo de oelides?

ARMANDO

Era eu, sim, mas creio que a menina não os apreciou tanto; não é verdade?

MARGARIDA

Tava bunito, sim, mais eu perfiro mais as camelia do que as oelides.

ARMANDO

Pois de agora em diante hei de mandar-lhe camélias todos os dias, menina Gautier.

MARGARIDA

Ih, quanto que o sinnor não vai gastá? Não precisa, não. Dexa. Eu arrecebo dos otro. Eles manda.

ARMANDO

Mas eu farei questão de mandá-las tambem. (Entra Nanine) Já que não posso estar a seu lado, em todas as horas, mandarei as flores em meu lugar.

NANINE

É pra aquecê tudo que sobrô do armoço ou vai gualdá alguma coisa pra aminhã?

MARGARIDA

Eu não me lembro mais o que é que sobrô, Nanine.

NANINE

Guisadinho cum batata, selada de arfacia, bolinho de bacaiá, erroiz e feijão. Ah e tem uns pastel, tambem.

MARGARIDA

Gualda o erroiz e o feijão pra amanhã e aquece o resto. Ou quem sabe o seu Dolval perfere cumê feijão cum arroiz a gente gualda as otra coisa.

ARMANDO

Para mim é indiferente. O essencial é que esteja a seu lado. Isto posto, nada mais me interessa.

MARGARIDA

Eu acho que ele perfere os bolinho de bacaiá e tá cum vontade vregonha de disê. Isso tem cara de home que gosta de bacaiá. Gualda o arroiz e o feijão e aquece o resto. (Nanine sai) O que é que nós tava falando, mesmo, seu Dolval?

ARMANDO

Falavamos sobre a sua preferencia pelas Camélias, mademoiselle Gautier.

MARGARIDA

Ah, pois é. Também gosto das rosa, gosto das violeta, das pampolha, dos guevos, mas as que eu perfiro mais é as carmelia. Acho as carmelia umas frô muito odaciôsa. É o senhor, qual é as que o senhor perfere mais, seu Dolval?

ARMANDO

Eu não tenho uma preferencia absolutamente definida. Ha, em cada flor, uma particularidade que me agrada. Na rosa o colorido, na violeta o perfume, no lirio a brencura e assia eu vou encontrando, em cada uma, uma caracteristica interessante. Ha frutas, também, cujas árvores florescem de maneira assas encantadora, como por exemplo o pêesgo e o maracujá.

MARGARIDA

Ah o senhor gosta de fruta é seu Dolval?

ARMANDO

Conforme. Algumas ha que aprecio muitissimo mas confesso que nem todas despertam o meu entusiasmo.

MARGARIDA

Ha eu tinha um irmão que era louco por fruta. Chegava a levantá de noite pra i per curá fruta na rua. Mas também muitas veis teve indigestão. As fruta de noite é muito pirigosa. (Entra Prudencia)

PRUDENCIA

E então, já se entenderam?

MARGARIDA

Tamos palestriando um muedo. É muito sempático o seu Dolval.

PRUDENCIA

Um verdadeiro cavalheiro, não te parece?

MARGARIDA

Tá bõ, isso não sei. Só pelo geito a gente não pôde dizê. Nunca vi ele amuntá a cavalo. Só depois que vê é que eu posso dizê.

PRUDENCIA

E o senhor, o que me diz de Margarida?

ARMANDO

Um encanto, Madame Prudencia. Um verdadeiro encanto!

MARGARIDA (ri sonha)

Isso é jonorosidade da sua palte.

ARMANDO

De forma alguma, Mademoiselle Gautier. Greia que estou verdadeiramente encantado.

PRUDENCIA

Quer então dizer que ela correspondeu inteiramente à sua expectativa, senhor Armando?

ARMANDO

Sem temor de exagerar, dado se me seja afirmar que a impressõ foi alem, muito alem do que eu poderia ter imaginado.

PRUDENCIA

Foi melhor assia. Pior teria sido o inverso.

MARGARIDA

Ah, eu também gosto.

ARMANDO

De que, Mademoiselle Gautier?

MARGARIDA

De velso. Voeeis tava falando em velso eu me alembrei. Ih eu sô roxa pul velso! Uma veiz eu fiz um da vaca e do passarinho, saiu tão chies! Toda o mundo que lia ele cho rava. (botando as mãos na barriga) Ih a minha barriga tá roneando de fome. Também a Nanine tá dimorando tanto pra aquecê a janta. (chega à porta e grita para dentro) Nanine! Apura em a janta que as visita é de tá com fome.

PRUDENCIA

Ah eu estou realmente com um apetite voraz. O senhor Armando é que não demonstra im paciência pelo jantar mas é fácil de compreender. O amor alimenta.

ARMANDO

O amor é tudo na vida, quando temos a certeza de sermos correspondidos, Madame Prudencia.

PRUDENCIA

E em todo esse tempo que o senhor Armando esteve aqui a sós com Margarida ainda não adquiriu essa certeza?

ARMANDO

Ha creaturas que são verdadeiros enigmas, Madame Prudencia, e enquanto não ouvimos dos seus próprios lábios a confissão do seu amor não conseguimos chegar a qualquer conclusão.

PRUDENCIA

O que diz a isso, Margarida?

MARGARIDA

(que prestou atenção a palavra por palavra do diálogo, fingindo alheamento) Eu tá va tão intertida que nem ovo que é que voeis tava dizendo.

PRUDENCIA (a Armando)

Ela lhe responderá depois, sem testemunhas. (Entra Nanine)

NANINE (da porta)

A boia tá na mesa.

MARGARIDA

Então vamo dum veiz ante que caia mosca. Tem alguma coisa pra gente bebê, Nanine?

NANINE

Tem, sim senhora, dona Margarida.

MARGARIDA

Vinho ou selveja?

NANINE

Nem vinho nem selveja. Tem agua penal.

PRUDENCIA

Agua penal? Que especie de agua é essa que eu não conheço?

NANINE

Óra, dona Imprudencia, agua da pena. A palavra tá dizendo.

MARGARIDA

Agua não quero, Nanine. Vai no almazen e compra alguma coisa pra gente bebê. O que é que o senhor perfere, seu Armando? Vinho ou selveja?

ARMANDO

Para mim é indiferente, menina Gautier. Servido por suas mimosas e delicadas mãos nhas, tanto a cerveja como o vinho terão um sabor muito mais agradável.

MARGARIDA

Ele tá disfalçando mais a gente olha pra cara dele e vê logo que ele é dos meu. Trais selveja preta, Nanine. (Pausa. Nanine fica imóvel) Anda, Nanine o que é que tu tá esperando?

NANINE

O dinheiro, dona Margarida. A senhora tá cansada de sabê que o almazem num vende mais fiado pra nós.

MARGARIDA

Ah, é. Mem me aleabrava. Mais agora que tu me apeltô. Eu acho que não tenho dinheiro ninha distrocado.

ARMANDO

(botando a mão no bolso) Se mademoiselle me permite...

MARGARIDA

Ah, pois é, o seu Almando empresta dispois nós paguemo ele. (Armando dá o dinheiro a Nanine que sai imediatamente). Intão vamo jantá. Ven, seu Almando. Vamo improden cia. A janta já deve de tá quagi fria outra veiz.

ARMANDO

Tenha a bondade de passar à frente, Mademoiselle Gautier.

MARGARIDA

Ah não, seu Almando, primeiro o senhor, dispois eu.

ARMANDO

Não, Mademoiselle, de maneira alguma. Faço questão que passe primeiro. Eu ~~irei~~ depois

MARGARIDA

O senhor perfere i atrais, é seu Almando? (Ele fas um sinal afirmativo com a cabeça) Tá bem, nesse causo vô eu na frente, intão. (Bate a campainha da porta da rua) Que coisa mais aburrida. Logo agora que a gente ia se assentá na meza.

FRUENECIA

Pôdes ir com o seu Armando, Margarida, que eu atendo a porta. (Sai)

MARGARIDA

Pôde passá, seu Dolval. (gesto negativo de Armando) Ah é mesmo, nem me aleabrava que o senhor perfere i atrais. (Sai, seguida de Armando, para o interior da casa).

GASTO

(entrando sangado) É verdadeiramente abominável o que você está fazendo comigo, Fruencia. Veja o tempo que você me deixou esperando inutilmente.

FRUENECIA

Mas o que vou fazer, meu caro amigo? A culpa não me cabe, acredite. Margarida demorou muitissimo, não fas muito que chegou.

GASTO

Foi então demasiadamente longo o programa do Variedades, hoje?

FRUENECIA

Não. Eu explico a você o que aconteceu.

GASTÃO

Fale.

PRUDENCIA

É que o Duque ficou de esperá-la, como sempre, à saída do teatro e não apareceu. A pobresinha veio a pé, imagine. Foi por isso que levou tanto tempo.

GASTÃO

E você transmitiu o convite para irmos ceiar no Chanteclair?

PRUDENCIA

Sim. E fiz todo o empenho para que ela o aceitasse mas o cansaço fez com que ela preferisse jantar em casa.

GASTÃO

E Armando?

PRUDENCIA

Está jantando com ela. Iamos justamente sentar à mesa quando você tocou a campainha. Como Nanine tivesse ido em procura do vinho soube a mim ir abrir-lhe a porta.

GASTÃO

E que tal, já se entenderam?

PRUDENCIA

Por óra não se pôde dizer nada de positivo mas tenho a impressão de que Margarida está vivamente impressionada por ele.

GASTÃO

Com que então iam justamente sentar-se à mesa quando eu cheguei? Quer dizer que se eu não volto aqui ficaria mais duas horas a esperar sózinho em sua casa? Estou profundamente decepcionado com você, Prudencia.

PRUDENCIA

Óra, Gastão, perdêe. Ao chegar Margarida o meu primeiro cuidado foi falar-lhe do seu convite e procurar convencê-la de o aceitar; como ela o recusou e se ~~comensa~~ se desviou rapidamente para outros assuntos eu confesso que acabei esquecendo.

GASTÃO

E agora, depois de tanto tempo de espera, terei que resignar-me a ir ceiar sózinho. A não ser que você abandone Armando e Margarida e venha me fazer companhia.

PRUDENCIA

Margarida talvez se magoasse comigo, Gastão.

GASTÃO

Ah bem, quer dizer então que você prefere magoar-me?

PRUDENCIA

Não, Gastão não é isto. Seja razoável, pelo amor de Deus! Lembree que Margarida é a melhor freguesa da minha loja. Posso mesmo dizer que é ela o meu principal aliado. O dia que me faltar a sua preferencia eu não terei outra coisa a fazer si não fechar as portas. Seria muito mais agradável para mim jantar em sua companhia. Você sabe o quanto o aprecio. Mas a verdade tambem é que existem circunstancias em que o interesse abafa os nossos anseios. (Entra Nanine com uma garrafa de cerveja preta, contando o trôco que recebeu)

GASTÃO

Bem, vou deixá-la em paz. Hei de encontrar alguma que me acompanhe ao Chanteclair.

PRUDENCIA (zangada)

Se fizer isto nunca mais me procure. (entra, depressa, aborrecida), depois de tirar a garrafa da mão de Nanine).

NANINE (a Gastão que vai sair)

Pêra aí, seu Gastão. Ante de sai cunfere aqui esse troco pra mim que eu acho que não tá direito.

GASTÃO (Pegando o dinheiro)

Quanto foi que levaste?

NANINE

Vinte cruzero que o seu Almando me deu.

GASTÃO

E quanto gastaste, sabes?

NANINE

Foi uma garrafa de cerveja preta que a dona Margarida mandô comprá.

GASTÃO

Sabes o preço da cerveja?

NANINE

Treis cruzero.

GASTÃO

Se levaste vinte e gastaste tres, deverias trazer de volta dezeseite. Vejamos. (Conta o dinheiro) Enganaram-te, Nanine. Deram-te apenas nove de troco.

NANINE

Bem que tava me parecendo. Foi por isso que eu pedi pro sinhô cunfiri. Eu tava achando muito pouco dinheiro de volta.

GASTÃO

Volta lá e reclama.

NANINE

Ah não, péra aí, seu Gastão, eu já sei o que é. Com certeza ele descontô oito cruzero que nós tava devendo lá deis do mês passado. Foi umas batata e um mucado de café que eu fui buscá e depois num paguei.

GASTÃO

Ah bem, então é isto. É justamente o que falta aqui. Muito bem, boa noite então, Nanine.

NANINE

Boa noite, seu Gastão. (Gastão sai). Na porta, antes de desaparecer, vira-se, olha para Nanine e acena-lhe com a mão) Boa noite!... (Fica algum tempo sorridente, olhando para a porta. Avança depois até a mesma e dá adeus com a mão, fazendo curvaturas. Fica depois sorridente e enlevada) Esse seu Gastão!... Esse seu Gastão!... Depois a dona Imprudencia é capaz de dizê que sô eu que tô dando em cima dele. (Sai. A cena fica vazia por alguns momentos)

MARGARIDA

(Entra seguida de Armando, palitando os dentes) Foi bobage dela, ela podia tê convidado ele pra jantar com nós. Inda sobró dois bolinho de bacau e um pastel. Agora quando o senhor falá com ele o senhor implica pra ele, sabe, seu Dolval?

ARMANDO

Não se preocupe, menina Gautier, eu explicarei detalhadamente o que houve.

MARGARIDA (sentando-se)

Se assente, seu Dolval. (Ele obedece) O que é que a gente vai fazê agora pra se intertê?

ARMANDO

Para mim não existe maior entretenimento do que fitar os seus lindos olhos. Eles desprendem uma luz tão suave e tão cristalina, ao mesmo tempo, que eu tenho a impressão de estar fitando as estrelas.

MARGARIDA

Pois é, mas era muito mais divertido se a gente jogasse pif-paf, o senhor não acha?

(Entra Prudencia)

Tu não ficô com fome, Prudencia?

PRUDENCIA

Que esperança, Margarida. Jantei ótimamente.

MARGARIDA

Eu também, cumi pra burro. (batendo na barriga) Tô cheia. (Campainha da rua)

PRUDENCIA

Quem será?

MARGARIDA

É capaz de sê o seu Duque. Pela maneira de batê tá com jeito. (Passa Nanine para atender a porta).

PRUDENCIA (assustada)

E se fôr ele, Meu Deus, o que faremos?

MARGARIDA

Eu nem sei, Imprudencia. Que ele vai fazê barulho grosso ele vai.

PRUDENCIA

Mas é justamente o que devemos procurar evitar. (Nanine assoma à porta)

NANINE

O seu Duques tá aí. Qué falá ea sinhora, dona Margarida.

MARGARIDA (trágica)

Hó, meu Deus!... O seu Duque qué falá comigo? Eu tô peldida!... (Armando começa a tremer todo)

PRUDENCIA

Espera, Margarida, eu tenho uma ideia. Esconderei o senhor Armando lá no quarto, até que ele se vá embora.

MARGARIDA

E depois se por acaso ele quisé í intê lá?

NANINE

Anda, dona Margarida, o home tá corando lá fóra.

MARGARIDA

Manda ele intrá, Nanine. Depressa, Imprudencia, leva o seu Armando lá proo qualto mesmo.

PRUDENCIA

Vamos, seu Armando, depressa. (Ele levanta-se, tremendo muito.)

ARMANDO

ARMANDO

Estou me sentindo mal.

MARGARIDA (empurrando-o para dentro)

Vá, seu Armando, vá. Vá que a Imprudencia amostra pro senhor adonde é. (Armando sai, seguido de Prudencia). (Margarida apressa-se a sentar fazendo posição para receber o Duque.)

DUQUE (entrando)

(Deve ser o mesmo personagem gago que fez Basilio no prólogo) Bô- bô... bô-bô...
Bôa noite. Dá licença?

MARGARIDA (levantandose e indo ao encontro do Duque)

Hô! Meu caro Duque!... Que prazê inaldito com as vossas presença. Entra. (Pendura-se ao braço dele e traze-o à frente da cena) Dêxa vê a sua tampa. (Pega a cartola do Duque e coloca-a sobre uma cadeira). Se assente, seu Duque, não faça ei rimonha.

DUQUE

Vim impo... impo... importuná-la, minha querida.

MARGARIDA

Ôra seu Duque, não diga isso. A sua presença sempre me dá satisfação.

DUQUE

Muito obrigado, minha filha. Tu-tu... tu-tu... tu és muito gentil.

MARGARIDA

Ah, sô mesmo. O senhor não é o premeiro que diz. (Entra Prudencia fazendo sinal a Margarida de que ele já está escondido)

DUQUE (levantando-se)

Oh, madame Prudencia, como vai a senhora? Va-va- va-va... vai bem?

PRUDENCIA

Muito bem, obrigada. O senhor Duque como tem passado?

DUQUE

Mu-mu... mu-mu... muito aborrecidô com o que me aco-aeô- aconteceu.

PRUDENCIA

O que foi que lhe aconteceu, senhor Duque?

DUQUE

Pois um dos ca-ca-cavalos da mi-mi... da minha carruagem sofreu uma que-queda e eu não pude ir buscar Mamã... ma-mã... Margarida no Teatro.

MARGARIDA

Ah, pois é, eu já ia dá o istrilo. Tive que vim de apê cheguei com os calo que era umas bolota.

DUQUE

Po-po... po-po... pobre anjo! Eu nem sei o que fazer para me penitenciar de ta-ta ta-ta... de ta-amanha falta. Desculpa sim? Foi motivo de força maior.

MARGARIDA

Tá discurpado, seu Duque. Não se fala mais nisto.

(Prudencia faz sinal a Margarida que peça dinheiro ao Duque e que o despache depressa)

PRUDENCIA

Senhor Duque, peço licença um momento, sim?

DUQUE

Po-po... po-po... pois não, é sua. (Prudencia vai sair)

MARGARIDA

Adonde é que tu vai, Imprudencia?

PRUDENCIA (da porta)

Vou ver o gatinho, coitadinho, que eu deixei lá no teu quarto, Margarida.

MARGARIDA

Ah é, então vai. Capaz dele fazê alguma coisa lá. (Prudencia sai)

DUQUE

Então não estás zangada co-co... comigo por teres vindo apê do te-te.. teatro?

MARGARIDA

Na hora eu fiquei safada pulque os calo tava duendo pra xixi, mais agora já pas-sô eu nem tô me lembrando mais.

DUQUE

Se eu não viesse te pedir desculpas e explicar o que aconteceu eu não d-o-do... do-do... dormiria tranquilo esta no-no-noite.

MARGARIDA

Foi bõo que o senhor veio, sabe seu Duques? Foi bõo porque eu precisava uma coisa, sabe?

DUQUE

Pois então vai dizendo logo o que precisas. Bem sa-sa... sa-sa-bes que eu tenho sempre o ma-ma-maior gosto em poder servir-te.

MARGARIDA

Pois é, Seu Duque, eu precisava, mas... mais eu não sei se deva...

DUQUE

Pa-fa... fa-fa... fala sem constrangimento.

MARGARIDA

Não me astrevo, seu Duque. Farta a corage.

DUQUE

É di-di... di-di... é dinheiro que precisas?

MARGARIDA

Mais, como ele adivinhou!...

DUQUE

Não é nu-nu... muito difícil advinhar. É é... é... sempre o que tu me pe-pe-me pedes. Quanto é que tu queres?

MARGARIDA

Eu precisava... deca vê... (conta nos dedos) Eu precisava de cinquenta cruzeros.

DUQUE

Está be-be... be-be... está bem. Eu dou. Mete a mão no bolso e ao tirar o dinheiro cõe uma nota no chão. Ela olha, deixa cair o lenço e baixando-se para segurá-lo recolhe a nota também, escondendo-a no seio. O Duque entrega-lhe o dinheiro. Ela recebe-o sorrindo)

MARGARIDA

Muito brigadinho, seu Duque. (Guarda o dinheiro no seio, também) É pra mandá pagá o telefone que eu tô atrásada e se a gente não paga eles manda cortá.

DUQUE

De-de... de-de... desejavas mais alguma coisa?

MARGARIDA

Não, seu Duque, era só isso. Agora se assente pra eu velhá um pouco. (Puxa-o pelas duas mãos e leva-o para a cadeira ao lado daquela em que está a cartola. Faz com que ele se sente e senta-se ~~xxxxxx~~ ela em cima da cartola sem se aperceber. Prudencia entra e coloca-se na outra extremidade do palco, fazendo sinais a Margarida para que despache duma vez o Duque. Margarida não entende os sinais).

Ele tava dereitinho lá, Imprudencia?

PRUDENCIA

Estava coitadinho. Todo enroscadinho dormindo nos pés da cama. (O Duque surpreende Prudencia a fazer sinais mas esta finge que está caçando moscas no ar).

MARGARIDA

Ele não fez nada lá, não Imprudencia?

PRUDENCIA

Não, Margarida, por enquanto ~~so~~. (O Duque surpreende novamente Prudencia nos sinais. Ela disfarça outra vez)

DUQUE

O que é que a senhora tem?

PRUDENCIA

Nada, senhor Duque, nada. É uma mosca importuna que não me deixa parar.

DUQUE

É moscosa, não é? (para Margarida) E tu saíste hoje à tarde, minha querida?

MARGARIDA

Dei a minha vortinha de cupê pelos Campos Eliseus.

DUQUE

É tarde e tu precisas repousar. Re-re... re-re... retiro-me. (Gesto de alívio de Prudencia) Amanhã voltarei novamente. (Levanta-se. Margarida permanece sentada. Ele começa a procurar alguma coisa que não encontra)

PRUDENCIA

O que procura, senhor Duque?

DUQUE

A mi-mi... mi-mi... a minha cartola.

PRUDENCIA

(depois de procurar e ver que não encontra) Quem sabe Nanine guardou-a lá dentro. (gritando) Nanine! Oh Nanine! Você levou, por acaso, a cartola do senhor Duque?

HANINE (gritando de dentro)

Eu num levei nada, dona Imprudencia. Dexe de sê boba.

MARGARIDA

Quem sabe se por acaso o senhor não se esqueceu-se dela no bonde, heins seu Duque?

DUQUE

Não senhora, eu te-te... te-te... tenho a certeza que a trouxe co-co-comigo. E de-
masais a masais eu não vim de bo-bo... de bonde. Vim na minha ca-ca.. carruagem.

MARGARIDA (levantando-se)

Mais não pôde sê. Se o senhor dexô ela aí ela tem que tá. Ninguém ia robá ela.

(Correça a procurá-la quando Prudencia avista-a, toda amassada, na cadeira onde Mar-
garida estava sentada)

PRUDENCIA

Olhe ali, ô. Veja onde ela estava.

MARGARIDA

(apurando-se em pega-la e procurando endireitá-la) Hô, que pena!... Discurpe seu
Duque. Não foi por gosto que eu me assentei nela. Bem que eu tava sintindo umas
curminancia e não sabia o que era. (entrega a cartola ao Duque)

PRUDENCIA

(Puxando Margarida para um canto, em tom confidencial, enquanto o Duque procura
desamassar a cartola) Pediste-lhe o dinheiro?

MARGARIDA

Pidi.

PRUDENCIA

Quanto?

MARGARIDA

Quarenta crozero.

PRUDENCIA

Vais emprestar-me a metade.

MARGARIDA

Mas tu me paga depois, hein? (alto) Vamo, seu Duque, eu vô acompanhá o senhor in-
té a porta. (Saem os dois. Ela cheia de measuras para o Duque)

PRUDENCIA

(depois que eles saem, chassado) Senhor Armando, pronto senhor Armando! Pôde vir.
Felizmente conseguimos desembaraçar-nos do Duque. (Armando entra com a fisionomia
carregada) O que tem? Parece aborrecido?

ARMANDO

Amo Margarida e não^a posso ver dispensar atenção a outros homens.

PRUDENCIA

É então o ciúme que o deixa assim? (ri com vontade) Óra, francamente!... Só mesmo
rindo, senhor Armando. Só mesmo rindo! (ri) O que imagina o senhor que seja o Du-
que para Margarida?

ARMANDO

Não é difícil advinhar, Madame Prudencia.

PRUDENCIA

Pois está muito enganado, meu caro senhor. Sente-se aqui e conversemos. (Sentam-se) O Duque tinha uma filha da mesma idade de Margarida e parecidíssima com ela. Essa filha adoeceu gravemente e morreu. O Duque ficou desesperado! Um dia conheceu Margarida num estação de águas e ficou vivamente impressionado com a aparência dela com a filha que ele havia perdido. Soube a vida que Margarida levava e apressou-se em vir propor-lhe que a abandonasse que ele lhe custearia todas as despesas. Margarida, que estava cheia de dívidas, aceitou a proposta do Duque mas sob condição expressa, deste, de não receber mais nenhum amiguinho embora ele não seja para ela mais do que um pai. Faz-lhe as despesas, apenas. Nada mais. Já vê, senhor Armando, que não ha razões para ciúme. (Entra Margarida, contente)

MARGARIDA

Que bom que ele já deu o fóra. Eu só me lembrava do senhor preso lá dentro. (ri)

PRUDENCIA

E ralado de ciúmes, Margarida, vê só.

MARGARIDA

Ciúme? Ciúme de quem, meu Deus?

PRUDENCIA

Ora de quem poderia ser? Do senhor Duque. Imagina. (As duas riem muito, em gargalhadas gostosas até que a campainha da rua toca e as duas param de repente) Quem será?

ARMANDO

(com aseda ironia) Algum outro pai, com certeza. (Nanine passa para abrir a porta)

PRUDENCIA

Oh, senhor Armando, vejo que não acreditou no que lhe contei. Não injurie Margarida com tal suspeita.

MARGARIDA

Dexa de bobagem, rapaiz. Intão tu não vê logo que isso é idifício sem elevadô? Pra assubi percisa guindaste?

NANINE (à porta)

O seu Gastão e a dona Olímpica tãõ aí. É pra intrá ou pra dizê que sairo?

MARGARIDA

Pôde mandá intrá, Nanine. (Nanine sai) É uns amiguinho nosso.

PRUDENCIA

O senhor Armando já conhece Gastão. São amigos.

MARGARIDA

O que será que eles quê essa hora da noute na casa da gente?

(Entram Gastão e Olímpia. Gastão dirige-se a Margarida e quem beija a mão. Olímpia dirige-se a todos risonha e alegre. À frente de Armando para, constrangida.)
(Margarida nota o constrangimento de Olímpia e apressa-se em desfazê-lo)

Ah dexa eu apresentá voceis que voceis ainda não se conhece. Essa é a Olimpa, uma amiguinha da gente, esse é o seu Dolval.

ARMANDO

Armando Duval, um vassalo a vossos pés, Mademoiselle.

OLÍMPIA

Encantada, cavalheiro.

MARGARIDA

Agora que vocéis já se conhece vão se assentando.

OLIMPIA

A demora é pouca. Vimos buscá-las para irmos tod@s ao Chanteclair. O senhor virá também conosco, não é verdade?

ARMANDO

Se me permitirem acompanhá-las terei com isto umenormes prazer.

OLIMPIA

É claro que não só permitimos como até nos sentimos muito satisfeitos com a sua companhia. (aproximando-se de Prudencia, confidencial, mostrando Armando) Bem simpático. Que apito toca?

PRUDENCIA (confidencial também)

Não sei. É mais um apaixonado de Margarida.

OLIMPIA

Olha que tem muita sorte essa creatura.

GASTÃO

Creio que não devemos perder muito tempo. Temos ainda quasi uma hora de coupê até o Chanteclair e Margarida não deverá recolher-se muito tarde, segundo me disse o medico que a está tratando.

ARMANDO

Creio até que seria muito mais prudente se ela quizesse ficar, não lhe parece?

GASTÃO

Deixe-a divertir-se um pouco, senhor Duval. A vida é curta.

ARMANDO

Bem, eu limitei-me a dar uma sugestão que poderá ou não ser aceita pela menina Gautier. Eu não tenho mesmo o direito de interferir.

OLIMPIA

Vamos, sim. Vamos todos divertir-nos. ~~Vamos dançar, beber bastante!~~ Eu hoje estou tão alegre, tão feliz que desejo dar expansão a esta minha alegria. Tenho vontade de correr, de pular. De rodopiar bastante numa valsa. Assim, é. (Passa a mão pelo pescoço de Armando e começa a dançar e cantar uma valsa de opereta qualquer. Gastão faz o mesmo em Margarida e começam a dançar aproveitando a musica que Olimpia canta. Nanine vem de dentro, assustada. Ao deparar com o quadro agarra-se em Prudencia e começa a dançar igualmente. De repente, em meio da dança, Margarida começa a botar a mão na cabeça como se estivesse tonta. Todos param aílitos.)

PRUDENCIA

O que tens, minha querida? O que sentes?

ARMANDO (aílito)

Fale, por favor, Mademoiselle Gautier.

GASTÃO

Ficou tonta, talvez? (Armando e Gastão amparam-na e sentam-na numa poltrona)

NANINE

É farta de é, com certeza. Abana ela um mucedo que passa. (Olimpia abana-a)

MARGARIDA (resniando-se)

Não se assustemo.

PRUDENCIA

Foi uma tortura, apenas.

MARGARIDA

Eu acho que foi os pastel que não me assentou bem no estômago. É melhor vocês ir que eu vá descansar um pouco e depois eu peço um copo e vou encontrá-los lá.

OLIMPIA

Ora que pena!... O nosso programa já vai ficar prejudicado. Porque você não faz um pequeno esforço e não vem conosco?

PRUDENCIA

Não concordo, Olimpia. É melhor que ela descanse um pouco primeiro.

GASTÃO

É realmente lamentável. O Grupo já não irá completo.

MARGARIDA

Tá bom, então eu vou. Nanines, traze o meu casaco de pêl. (Nanine sai)

ARMANDO

Parece-me um imprudência o que vai fazer.

MARGARIDA

Não é nada, não, seu Dolival, não se assuste. Quando eu fico muito cheia depois me dá isso.

GASTÃO (á parte)

Coitada! Procura iludir-se a si mesma.

PRUDENCIA

Cuidado. Fale mais baixo que ela pôde ouvir. (Entra Nanine com o casaco. Armando segura-o das mãos de Nanine e coloca-o nos ombros de Margarida. Ela, no espelho, dá um retoque aos cabelos. Quando vão todos sair ela tem um acesso forte de tosse e volta a sentar-se na poltrona, tossindo sempre. Todos ficam compungidos).

OLIMPIA

E agora? O que faremos?

PRUDENCIA

É melhor não irmos. Se Margarida melhorar virá encontrar-nos mais tarde. (empurrando todos para fóra) Vamos, vamos que quando ela está assim, gosta de ficar só. (Saem todos, menos Nanine e Margarida).

NANINE

A senhora quer um chá de funcho, dona Margarida?

MARGARIDA

Não, Nanine, não quero nada. Daqui um pouco isso passa.

Nanine

Mas eu vou fazer. E vá.
Óia eu tô lá na cozinha ~~arrumando~~ Se perceberá pôde dá um grito que eu ovo. (sai.)

(Margarida fica ainda alguns instantes tossindo já mais calmamente, com a mão estendida para fóra da cadeira. Armando entra nas pontas dos pés, ajoelha-se ao lado da poltrona, toma-lhe carinhosamente a mão que beija falando depois profundamente compungido).

ARMANDO

Porque não se trata, menina Gautier? Tão nova ainda e tão bela!... Porque não fôge

do bulício dessa vida desregrada e não se recolhe a uma casa de campo para con- valecer? Não corra ao encontro da morte. A vida é boa e pôde lhe oferecer ainda tanta coisa bela!...

MARGARIDA

Como o senhor é bom, seu Almando. É verdade então que o senhor me ama-me?

ARMANDO

Muito, Margarida, muito!... Com todo o ardor de minh'alma! Com toda a força do meu coração!...

MARGARIDA

(Vai tirar uma camélia que está presa aos cachos que lhe caem sobre o hombro e os cachos se desprendem junto com a flor. Ela, sem se alterar, separa a flor dos cabelos, coloca-os de novo na cabeça e entregando a camélia a Armando, diz:)

Pela sinceridade dessas palavras tão chias que o senhor acabou de me dizer elas, eu vô lhe dá essa camélia de recompensia.

ARMANDO (segurando a flor)

Oh Margarida, Margarida! Como me fazes feliz neste momento!...

MARGARIDA

Almando!...

ARMANDO (enlaçando-a)

Margarida!... (Olha a flor, aspira o perfume e beija-a, enlevado)

MARGARIDA

Essa camélia o senhor ha de me devorvê ela um dia.

ARMANDO

Quando, Margarida?

MARGARIDA

Quando ela tivé mulcha.

ARMANDO

Ficará, então, muito poucos dias em minha mão.

MARGARIDA

E mesmo assim vida é capais que dure mais do que o seu amor.

ARMANDO

Oh Margarida, Margarida, não me faça tamanha injustiça. O meu amor ha de ser eter- no. Juro-lhe. Hei de conservá-lo tão alto, tão alto que nada no mundo será capas de atingi-lo.

NANINHA (Entrando com uma chicara numa bandeija)

Óia o chá de funcho, dona Margarda. A sinhora toma ele que é muito bom pra fazê abaxá os pastel.

(CORRE O FIM PARA O FINAL DO 18 ATO).

CENÁRIO: - (O mesmo do 1º Ato. Ao abrir o velário a cena está deserta. Entra Prudência, da rua. Tira o chapéu e ageita ligeiramente os cabelos ao espelho. Chega depois à porta por onde entrou e grita:)

PRUDENCIA

Entra para cá, Nichete. Ficaste no vestibulo por que?

NICHETE (entrando)

Estava admirando os quadros de Margarida. Como são lindos!... Lindos e valiosos!...

PRUDENCIA

Tudo o que vês aqui é presente do Duque.

NICHETE

Ele deve ser muito rico, então?

PRUDENCIA

Riquissimo. Creio, entretanto, que já deve ter sabido algo dos amores de Margarida com Armando porque ha mais de dois mezes que não lhe manda um só franco. A coitada está se vendo atrapalhadissima para atender os credores. Já escreveu duas cartas a ele e não teve resposta. Foi para entender-me com ele que vim hoje de Anteuil, deixando lá os dois pombinhos a gosar das maravilhas da natureza campestre.

NICHETE

E ela como está de saude?

PRUDENCIA

Muito bem, agora. O ar do campo produziu esplendidos resultados sobre a sua natureza debilitada e enfraquecida. Nem parece mais a mesma que daqui partiu. Todos os dias faz esplendidos passeios de bote com Armando, ou então sai, à tardinha, a fazer longas caminhadas pelos campos.

NICHETE

E não lhe são prejudiciais os passeios a pé? O medico não lhe recomendou repouso?

PRUDENCIA

Sim, mas prender Margarida em casa é o mesmo que condená-la à morte.

NICHETE

Poderia passear de carro. ouvi dizer que ela levou um coupê.

PRUDENCIA

Levou, efetivamente, mas já teve que se desfazer dele como de muitas outras coisas de valor que possuia. Hoje, ainda, me fez trazer este anel que tratarei de vender se o Duque não concordar em mandar-lhe dinheiro. (Nichete examina o anel).

NICHETE

É muito lindo. (Entrega-o a Prudencia) Que pena se ela tiver que se desfazer dele. Mas Armando nada faz por ela?

PRUDENCIA

Ela não admite. Ademais ele ignora a verdadeira situação em que Margarida se encontra porque ela oculta d'ele tudo quanto diz respeito a dinheiro. Não admite que ele gaste coisa nenhuma com ela. Diz que lhe basta o seu amor que é a maior de todas as fortunas.

NICHETE

Então está irremediavelmente perdida.

PRUDENCIA

É o que também me parece. Completamente perdida por ele e ele cada vez mais alucina-
do por ela. Imagina que nem mais responde as cartas que o pai e a irmã seguida-
mente lhe escrevem.

NICHETE

É por que não dizes tu a esse rapaz a verdadeira situação de Margarida, sem que ela
saiba que tu disseste?

PRUDENCIA

Deus me livre! Não conheces Margarida. O dia que ela, por acaso, viesse a descobrir
que eu tinha feito isto, seria capaz até de me matar. Além disto - cá entre nós -
ele quasi nada poderia fazer por ela. Sua familia é de poucos recursos e Armando
tem um rendimento que seria uma ninharia deante dos gastos de Margarida. A terça
parte do que ele dispõe ela gastaria somente com as camélias. E o aluguel da casa?
E as despesas de manutenção da mesma? E os seus vestidos? E as suas joias? Para uma
criatura com os gastos que Margarida está habituada a fazer, só uma fortuna como
a do Duque de Morriac ou do Conde de Giret.

NICHETE

Não foi o próprio Duque quem a mandou para o campo?

PRUDENCIA

Não. A deliberação foi tomada por ela mesma. Ele apenas alugou-lhe a casa. Mas que
casa!... Tu precisavas ver. Um verdadeiro sonho! Também... alugou-a o Duque por qua-
tro mil francos!

NICHETE

A julgar pelo preço deve ser uma verdadeira maravilha!

PRUDENCIA

O jardim é um assombro. Tem passado lá uma temporada adorabilissima.

NICHETE

Mas e a tua loja, abandonaste-a?

PRUDENCIA

Enquanto o Duque mantinha as despesas de Margarida eu não me preocupava com a loja.
O que ela me pagava pelos seus vestidos e chapéus dava-se perfeitamente para viver
sem me preocupar com outros freguezes. Agora, porém, que ele parece disposto a aban-
doná-la definitivamente, receio muito ser obrigada a reabri-la. Em todo o caso hei
de fazer o que possa para salvar Margarida da ruina. (Campanha da rua) Olha: deve
ser o Duque. Está exactamente na hora que ele anunciou que viria para avistar-se co-
migo. E ele é pontual como um inglés.

NICHETE

Vou sair, então, pela escada de serviço. Não será conveniente que ele se encontre
aqui. Adeus, Prudencia. Felicidades e um abraço a Margarida.

PRUDENCIA

Adeus Nichete. Obrigada. (Nichete sai. Prudencia vai abrir a porta. Ha uma pausa em
que ela volta acompanhada do Duque. Este coloca a sua cartola na cadeira mais à vis-
ta do público, procurando outra mais distante para sentar-se. Prudencia vem sentar-
se ao lado dele).

DUQUE

Recebi o seu bilhete e aqui me tem.

PRUDENCIA

Meu caro senhor duque: vim expressamente de Anteuil para falar-lhe.

DUQUE

Mu-mu--- Mu-mu... muito bem. Diga então o que de-de... de-de... o que deseja de mim.

PRUDENCIA

Margarida escreveu-lhe duas cartas e como não obtivesse nenhuma resposta do senhor...

DUQUE

Já sei. Pe-pe... pe-pe... pensou que havia de me fazer de bobo a vida inteira, não é assim?

PRUDENCIA

Como assim senhor Duque? Não estou entendendo.

DUQUE

Ora não se faça de ingênua, Madame Prudencia. Ma-ma... Ma-ma... Margarida está vivendo lá no campo com o senhor Armando Du-val e a senhora bem sa-sa... sa-sabe quais foram as condições que lhe impus pa-pa... para auxiliá-la em tudo que necessitasse.

PRUDENCIA

Exigiu que ela abandonasse a sua antiga vida, bem sei. Mas o caso de Margarida com Armando é muito diferente, meu caro Duque. Ela ama-o verdadeiramente e ele também a ela. Só não se casará o senhor Duval com Margarida se ela não o quizer. Creio que o senhor não se oporia à felicidade dela. O senhor a estima tanto, não é verdade?

DUQUE

Opo... opo... oponho-me a que mantenha quaisquer relações amorosas com quem quer que seja, ou então abandone-a à sua sorte.

PRUDENCIA

Parece-me que o senhor Duque excede-se um pouco no seu zelo por ela. Afinal, toda a mulher - seja ela quem for - tem direito a um pouquinho de felicidade. E Margarida é agora inteiramente feliz ao lado de Armando.

DUQUE

(levantando-se indignado e caminhando para o lado onde está a sua cartola) Po-po... po-po... pois então que contém ma-ma... ma-ma... mas que não me procure mais. (Senta-se na cadeira ao lado daquela em que está a sua cartola. Prudencia levanta-se, vem para junto dele e na ância de convencê-lo senta-se em cima da cartola, sem se aperceber).

PRUDENCIA

(pegando-lhe o braço) Mas senhor Duque, seja razoável.

DUQUE

É inútil insistir, Madame Prudencia. Mi-mi... mi-mi... minha resolução é inabalável e de-de... de-de... e definitiva.

PRUDENCIA

Não posso me convencer. O senhor quer muito bem a ela, não é verdade?

DUQUE

E a se-se... se-se... a senhora ainda duvida?

PRUDENCIA

Absolutamente não. E exatamente por não duvidar do seu afeto por ela é que acho estranho que o senhor lhe negue auxílio num momento em que ela está tão necessitada.

DUQUE

O homem que a faz tão feliz que tra-tra... tra-balhe e lhe dê tudo quanto necessita.

PRUDENCIA

Ele o faria de bom grado, estou convencida disto; ela, entretanto, não o quer.

DUQUE

Já sei. Que-que... quer que eu continue a pagar-lhe as despesas pa-pa... pa-pa... para que vivam os dois à minha custa. Não senhora está muito enganada. Di-di... di-di... ga-lhe Madame Prudencia que o Duque de Morriac é bom mas não é bobo. E agora pe-pe... peço licença para retirar-me. (Procurando a cartola) Onde diabo deixei eu a minha ca-ca... ca-ca... a minha cartola? (Começa a procurá-la por toda a parte, enquanto Prudencia, completamente alheia, pensa, sentada, numa solução qualquer) A senhora não viu, po-po... po-po... por acaso a minha cartola?

PRUDENCIA

(Como que despertando) O que disse, senhor Duque?

DUQUE

Não viu a senhora onde deixei a mi-mi... mi-mi... a minha cartola?

PRUDENCIA

(levantando-se) A sua cartola... vou procurá-la. (Dá uns passos, olha em volta e por fim encontra-a toda amassada na cadeira) Está aqui, senhor Duque, está aqui. (procurando desamassá-la) Desculpe, eu me sentei em cima dela mas não foi por gosto. Foi sem querer.

DUQUE (zangado)

Pa-pa... pa-pa... passe muito bem, Madame Prudencia e diga à menina Gautier que... que... que dinheiro - nécas. (Depois que o Duque sai Prudencia dá alguns passos pela cena pensativa. Pega depois o anel e olha-o algum tempo).

PRUDENCIA

Que penal... Um anel tão lindo e vai ser vendido!... Se eu tivesse um Duque de Morriac havia de comprá-lo para mim. (Pausa) Bem... uma vez que não ha outro remedio vou tratar de procurar os compradores. (Vai colocar o chapêo na cabeça, em frente ao espelho quando toca a campainha da rua) Quem será? Teria o senhor Duque se arrependido? (Sai para abrir a porta. Ainda de dentro exclama admirada) Mãe! Que surpresa!... Mas o que foi isto, minha querida? (entrando) O que aconteceu?

MARGARIDA

(entrando em traje de viagem, seguida de Nanine que traz uma valise) Não precisa te assustá. Não aconteceu nada de ~~mal~~ ~~Alfredo~~ ~~perceisou~~ ~~vim~~ a Paris ~~percurá~~ ~~umas~~ ~~calta~~ ~~do~~ ~~pae~~ ~~e~~ ~~da~~ ~~ernã~~ ~~e~~ ~~eu~~ ~~intão~~ ~~aproveitei~~ ~~e~~ ~~vim~~ ~~junto~~. (Tira a capa de viagem e o chapêo)

PRUDENCIA

O Duque saiu daqui agora mesmo. Não o encontraste lá em baixo?

MARGARIDA

Não. Tu pidiu o dinheiro pra ele?

PRUDENCIA

Pedi mas ele negou-o. Disse que deve bastar-te o amor.

MARGARIDA

Que safagestrel...

NANINE

Como é, dona Margarida, adonde é que eu vô butá essa bagágia?

MARGARIDA

Ora, Nanine deixa ela aí em quarqué palte. Tu não ha de querê pândurá na minha oreia. (para Prudencia) Qué disse que então vamo tã que vendê o anel?

PRUDENCIA

É. Infelizmente não temos outro recurso.

MARGARIDA

Mas não se assustemo que não é de sê nada. (senta-se) Esse anel deve de valê uns bños crozero. Eu acho que se nós vendê ele bem vindido que nós paguemo tudo e ainda sobra urbeo. Nós não devemos tanto assim.

NANINE

Isso é o que a senhora pensa. Óia? temo atrazado na quitanda, temo atrazado no padro, temo atrazado no alugué da casa, temo atrazado no leitero, temo atrazado no açougue, na loja e em tudo quanto é palte.

MARGARIDA

Tá bño, que temo atrazado a gente sabe mas eu acho que vô pagá. Não gosto de cada vre. É só vendê o anel e já tô pagando.

PRUDENCIA

Pois eu já ia sair justamente para vendê-lo.

MARGARIDA

Pois intão vai, Imprudencia. Vai que eu fico esperando aqui. O Alameda fieô de vim me baseá depois das sete. Dá tempo de tu i e vim inhante que ele venha. (Campainha da porta da rua).

PRUDENCIA

Quem será?

NANINE

Dexa que eu vô vê, Madames Imprudencia. (Nanine sai) vai sair)

MARGARIDA

Óia aqui, Nanine... (Nanine para à porta) Si fô o prestação...

NANINE

(interrompendo-a) Já sei. É pra dizê que nós temo fóra e que só vortemo daqui a treis meiz.

MARGARIDA

Não. Treis não. Diz que a gente não vorta mais. (Nanine sai) Tu agora vai então, não é Imprudencia? Mas vê si vorta inhante das sete

PRUDENCIA

Vou ~~me~~ esperar um momento só para ver quem chegou.

MARGARIDA

Póde sê que seja o seu Duque.

PRUDENCIA

Não creio. Sain daqui tão zangado com você que eu não creio que seja capaz de voltar

NANINE (entrando)

Dona Margarida, tem aí um home que quô falá suite com a senhora. Disse que é assunto paticulá.

MARGARIDA

Não será cobradô, Nanine?

NANINE

Não senhora, cobradô não é pulque num tem pasta.

MARGARIDA

Intão pôde mandá intrá, Nanine. (Nanine sai)

PRUDENCIA

Bem, eu não vou perder mais tempo que depois não poderei estar aqui antes das sete. Vou tratar de vender o anel. Antes, porém, vou fiçar um pouquinho ali dentro só pra ver ~~quaxá~~ a cara do que enegou. (sai para o interior da casa)

NANINE

(aparecendo acompanhada de Jorge Duval. Jorge Duval deve ser o mesmo ator que fez, no prólogo, o papel de seu Dionísio). Tá aqui o home, dona Malgarida. (sai)

MARGARIDA

Pôde intrá. (Pausa longa. Ambos se olham. A situação é de curiosidade por parte dela e de constrangimento por parte dele)

XIXOXX

JORGE (depois de botar os olhos e observar Margarida)

É a menina Gautier?

MARGARIDA

Malgarida Gautiér ou a dama das carmelita. Uma miiguinha às olde. (Extende a mão para ela mas ele não percebe e curva-se respeitoso)

JORGE

Minha senhora!...

MARGARIDA (curvando-se com exagero até perder o equilíbrio)

Meu senhor!...

JORGE

Jorge Duval às suas ordens.

MARGARIDA (muito admirada)

O pai do Almando?!...

JORGE

Eu mesmo.

MARGARIDA

(correndo a abraçá-lo com grande esbaldado) Como vai o senhor? Muito gosto em conhece-lo. Dê o seu chapéu. (arranca-lhe a cartola da mão) Toma Nanines, bôta a tampa dela no cabidris do curredô. ~~fiça~~ (Nanine agarra a cartola e vai colocá-la na mesma cadeira onde as outras foram amassadas. Depois disto Nanine sai)
Se assente, seu Dolval.

JORGE (de pé)

Desejo muito falar com a menina.

MARGARIDA

Tá muito bem, eu tô as suas orde, mas se assente.

JORGE (de pé)

E o assunto que me traz aqui é de suma gravidade.

MARGARIDA

Tá muito bem, mas se assente.

JORGE

Trata-se de...

MARGARIDA

(Empurra-o com raiva e ele cai sentado na cadeira) Te assenta, diabo. A gente tá dando uma pulgão de veiz e ele não fale causo. (amavel) Mas como é mesmo que o senhor tá dizendo?

JORGE

O assunto que me traz aqui é de suma gravidade. Trata-se de meu filho Armando.

(MARGARIDA dá dois pulinhos e vem colocar-se ligeiro na cadeira ao lado da que ele está sentado, amassando-lhe a cartola sem se apereber)

MARGARIDA

Póde falá, seu Dolval. Póde falá que eu tô ovando.

JORGE (solene)

Antes de mais nada, a senhora terá que abandonar o meu filho.

MARGARIDA (rápida)

Tu é besta.

JORGE

Terá que abandoná-lo, repito, menina Gautier.

MARGARIDA

Disguia, disguia seu Dolval.

JORGE

Cuça, menina: meu filho não só se perderá por sua causa como será, ainda, a ruína de sua irmã.

MARGARIDA

Não chateia, seu Dolval. Vamo cumvelsá otras coisa.

JORGE

Menina Gautier: venho pedir-lhe, (ajoelha-se) suplicar-lhe que abandone o meu Armando.

MARGARIDA (trágica)

Hô, que coplicio!... É muito o que o senhor me pede pulque eu amo elei...

JORGE

Mas é necessário deixá-lo, acredite. Sei que o ama e agora, diante da sua beleza, compreendo que meu filho também a ame, mas não é justo que minha filha, aquele anjo inocente de pureza e de candura, sofra as consequências das leviandades do seu irmão.

MARGARIDA

Mas o que é que a irmã do Armando tem que vê cum tudo isso, seu Dolval?

JORGE

Eu explico, menina Gautier. Ela está noiva de um rico mancebo mas a família dele pertence àquela classe de gente agarrada ao preconceito e às conveniências sociais. Souberam das aventuras do meu filho e declararam francamente que considerarão desfeito o compromisso se Armando continuar - como o tem feito até agora - a viver publicamente em sua companhia. É justo que o futuro de uma jovem tão casta e tão boa seja sacrificado pelos desvairos de seu irmão? (chorando) Margarida, sei que você é boa...

MARGARIDA (interrompendo-o)

Ah sô. Isso o senhor não é o premero que diz.

JORGE (chorando)

Sei que você é boa e que as minhas lágrimas hão de convencê-la.

MARGARIDA (chorando também)

Não chore, seu Dolval. Eu não posso vê ninguém chorá. (avança no lenço dele e limpa as lágrimas, devolvendo-o, depois) Alivanta que o senhor vai machucá toda as suas carça.

JORGE (levantando-se)

Vai deixá-lo, então, não é verdade menina Gautier?

MARGARIDA

(depois de pensar um pouco) Isso é um buraco, sabe seu Dolval?

JORGE

Faça-o, pelo amor de Deus! Tenha pena de mim e de minha filha!...

MARGARIDA

Ih mas eu vô senti tanta falta, seu Dolval! Tanta falta que nem sei! Eu tô muito imbituada com ele. Ele é muito bom pra mim. Ele faz tudo que eu quero. Até cafuné, quando eu peço ele me faz. O senhor vê, vai sê um buraco pra mim. E depois eu gosto de um cafuné que o sinhô nem sabe. O senhor vê: quem me fazia era ele.

JORGE

Mas a senhora arranjará outros que lhe façam.

MARGARIDA

Não sei. É mais difirei do que o senhor pensa, seu Dolval.

JORGE

Veja, menina Gautier, tem deante de si um pai aflito que vem lhe pedir um grande sacrificio, é verdade, mas um sacrificio que não será em vão porque dela depende a felicidade de uma jovem donzela, a tranquilidade de um velho como eu...

MARGARIDA (interrompendo-o)

Dexa disso, o senhor não é tço velho assim. Com uma pinturasinha, uma caiação na fachada o sinhô ainda vae.

JORGE (continuando)

É a salvação de um rapaz extraviado.

MARGARIDA (extranhando)

Um rapaz o que?

JORGE

Um rapaz extraviado.

MARGARIDA

Mintira. Ele é isso mesmo que o senhor disse? (bota a mão no rosto num gesto de surpresa)

JORGE

Deus ha de lhe recompensar por todos os beneficios que o seu gesto nos trará. Eu mesmo hei de rezar a ele e pedir pela senhora. (Pausa. Jorge enxuga os olhos)

MARGARIDA (virando o rosto)

Coisa pau. Eu não gosto de vê ninguém chorá.

JORGE

E então? O que me diz? Devo sair daqui bendizendo-a pela sua bondade ou amaldiçoando-a pela sua teimosia?

(MARGARIDA)

(depois de uma pausa em que esteve refletindo, levantando-se e falando trágicamente) Seu Dolval: (pausa) O sacrificio que insige de mim é o mais torturante que um home pôde insigi do coração duma mãe que faz do home amado o seu idôlo. (Pausa. Reflete) Sei que vô sofre pra cachorro! Hô, meu Deus, como eu vô sofrê!... Nem gosto de me alembra, mas o senhor pôde sai daqui na certeza de que Margarida Gautier ou a

Dona das Carmelitas, como o vulto apilado dela, ha de abandoná o seu filho Almando Dolval.

JORGE

(segurando-lhe ambas as mãos e beijando-as) Oh Margarida, Margarida!... Eu tinha a certeza de que tu eras boa!...

MARGARIDA

E o senhor ainda não viu nada.

JORGE

O meu coração não me enganou! Hei de querer-te muito e hei de lembrar-te sempre pelo teu gesto de desprendimento!...

MARGARIDA (chorando)

Hó!... Mas eu vô sofrê tanto! Tanto!... (torna a sentar-se em cima da cartola, com as mãos no rosto).

JORGE

(Acarinhando-lhe os cabelos) Mas tudo passa, minha filha! Você o esquecerá e ha de encontrar outro que o substitua.

MARGARIDA

Mas não dismancha os meus bñere que eu paguai dez crozero pra pentiá eles.

JORGE

Deus ha de lhe recompensar o sacrificio, minha filha. E agora Adeus. Preciso partir antes que ele chegue. Não convem que me encontre aqui. (Começa a procurar a cartola. Margarida tem as duas mãos no rosto como quem está chorando) Onde será que eu deixei minha cartola? (Margarida deixando uma mão sobre o rosto, com a outra tira debaixo de si a cartola, extendendo o braço em direção a JORGE. Ora veja só onde ela estava. Sai endireitando a cartola)

PRUDENCIA

(lôgo que Jorge sai, entrando aflita) Margarida, minha pobre e desventurada amiga! Ouvi tudo! Tudo! Vais então mesmo deixá-lo?

MARGARIDA (trágica)

Assim é preciso, Imprudencia..

PRUDENCIA

E o que vais dizer-lhe como desculpa? Já pensaste?

MARGARIDA

Nem sei, Imprudencia. Nem sei o que é que eu vô dizê.

PRUDENCIA

Terás que mentir muito bem, do contrário ele não te acreditará. (Pensa um pouco) Es para aí... tenho uma ideia. (Sai depressa. Margarida fica só e coça a perna repetidamente. Levanta depois a saia e, esfregando molhando os dedos na boca simula pegar uma pulga que mata com o pé. Entra Prudencia trazendo papel de carta, caneta e tinteiro) Pronto. Chega aqui para a mesa e escreve o que te vou ditar.

MARGARIDA

(Aproximando a cadeira da mesa, sentando-se e pegando a caneta) Pobre do meu Almando! (chorosa) Nem gosto de me lembrar do quanto que ele vai sofrê. Que tortura, meu Deus!... (outro top, levantando a cabeça para Prudencia que está de pé junto dela) Ele vai ficar saído cumigo!

PRUDENCIA

Escreve, minha infeliz amiga. Escreve porque não ha outro remedio!...

MARGARIDA

Eu não sei o que é que eu vô escrevê.

PRUDENCIA

Eu te auxiliarei ditando a carta. (Ditando) Carissimo Armando.

MARGARIDA

(repetindo as palavras) Carissimo Armando. (escrevendo) Carissimo. (olhando Prudencia) É com oê cidilhado eu sem cidil? (Margarida segreda-lhe alguma coisa) Ah é mesmo. Eu tô tão neivosa que até me isquiei. (escrevendo) Carissimo, com ois esse, Armando. Pronto.

PRUDENCIA

Não te quero mais.

MARGARIDA

(escrevendo) Não te quê-ro mais. Pronto.

PRUDENCIA

Será inútil me procurares porque não me encontrarás em parte alguma.

MARGARIDA

(escrevendo) É i-nu-ter tu me percurá - pol-que tu não vai me incon-trá em pal-te ar-gu-na. Pronto.

PRUDENCIA

Só o amor, infelizmente, não nos basta ~~para~~ para viver.

MARGARIDA

(escrevendo) Só o a-mor, in-fe-lis-men-tes, não nos bas-ta pa-ra vi-vê. Tá.

PRUDENCIA

Perdôa o mal que te vou fazer...

MARGARIDA

(escrevendo) Pel-dô-a o má-le que te vou fa-zer...

PRUDENCIA

E esquece a tua Margarida.

MARGARIDA

E es-cuê-cê a tu-a Mal-ga-ri-da.

PRUDENCIA

Está pronta. Agora põe no envelope e fecha.

MARGARIDA

Farta assiná, Imprudencia. Se eu não assiná ele não sabe quem foi que inscreveu a calta.

PRUDENCIA

Já está assinada, minha querida "... e perdôa a tua Margarida" Margarida é a assi-natura.

MARGARIDA

Ah é mesmo. Margarida só eu, a calta também só eu que tô escrevendo ela, fica uma coisa pela otra. (Dobra a carta e bota no envelope)

PRUDENCIA (pegando o envelope)

Agora pódes ir lá para dentro e deixa o resto por minha conta. (Mantem

A campainha da rua toca. Namine passa para atendê-la mas Prudencia a detem)

PRUDENCIA

Deixa, Nanine. Deve ser Armando e vocês não podem aparecer. Vão as duas lá para dentro e não volte aqui sem que ele tenha ido embora. (Sem a duas. Prudencia arruma ligeiramente os cabelos ao espelho e vai atender a porta. Ouve-se a seguir os cumprimentos dos dois ainda fóra)

ARMANDO (fóra)

Bôa tarde, dona Prudencia.

PRUDENCIA (fóra)

Bôa tarde, seu Armando, entre.

ARMANDO (entrando)

Margarida ainda não chegou?

PRUDENCIA (entrando)

Já chegou e já saiu, senhor Armando.

ARMANDO

Saiu?!... Onde foi ela?

PRUDENCIA

Senhor Armando... (para si mesma) Meu Deus eu não sei como começar. (dito) Senhor Armando eu... eu tenho más notícias a dar-lhe.

ARMANDO

Más notícias, diz a senhora? Fale, por favor estou aflito. (Coloca a cartola na célebre cadeira e volta ao centro da cena)

PRUDENCIA

Ela partiu e deixou-lhe uma carta.

ARMANDO

Partiu? Mas para onde? Não, não pôde ser. A senhora está brincando comigo.

PRUDENCIA

Infelizmente digo-lhe a verdade, meu amigo.

ARMANDO

Mas partiu assim sem se despedir? Sem justificar a sua atitude? Não, não pôde ser, não me convenço.

PRUDENCIA

Deixou-lhe esta carta. (entrega-a) É tudo!

ARMANDO

(Abre sofregamente a carta. Lê e leva a mão à cabeça, tragicamente) Que horror, meu Deus!... Que desgraça!... Margarida abandona-me para sempre!... (Deixa cair os braços e a cabeça, sucumbido, tendo numa das mãos, amassada a carta que recebeu).
(Após uma pausa, com amargura) Tolo que fui em acreditar nas juras de amor de uma mulher daquela espécie! Oh meu Deus, meu Deus!... Que castigo cruel tu me impuzeste! (Cobre o rosto com as mãos e vem sentar-se na cadeira ao lado da que está a sua cartola. Prudencia enxuga as lágrimas com o lenço e vem colocar-se na cadeira ao lado de Armando, amassando-lhe a cartola sem se aperceber).

PRUDENCIA

Não chore, meu amigo. Tenha coragem. Volte para a casa de seu Pai que o amor do pobre velho e o carinho de sua irmã não de suavisar, em parte, o sofrimento que neste momento o aflige.

ARMANDO

Nunca mais hei de esquecê-la. Nunca mais!... Oh Margarida, Margarida, porque se abandonaste? (chora)

PRUDENCIA

Como me dóe o coração em ver o seu sofrimento, senhor Duval. (chorando) Aceite o meu conselho. Vá viajar. Procure distrair-se. O mundo é grande e ha tantos corações em busca do amor! É possível que o senhor ainda encontre algum que o satisfaça.

ARMANDO (levantando-se resoluto)

Vou viajar, sim. Póde ser que a distancia me permita esquecer essa ingrata e perjura Margarida. E nunca mais, nunca mais hei de crer no amor! Adeus, Prudencia. Agradeço-lhe tudo que fez por mim.

(Ela estende-lhe uma das mãos, conservando a outra com o lenço nos olhos. Ele beija a mão que ela estende e começa a procurar a cartola. Quando vê que não a encontra pergunta):

A minha cartola? Por acaso a senhora não viu onde eu a deixei?

(Ela, sem retirar o lenço dos olhos, com uma das mãos tira-a debaixo de si mesma, estendendo-a na direção de Armando. Este segura-a e sai endireitando-a).

PRUDENCIA

(depois que ele sai vai à porta que dá para dentro e chama) Margarida! Pódes vir.

MARGARIDA

(Rotando só a cabeça para dentro da cena e revistando tudo com os olhos) Ele já foi?

PRUDENCIA

Neste instante. (Margarida entra) Tenho ainda os olhos húmidos das lágrimas que chorei por ver o seu sofrimento.

MARGARIDA (trágica)

Hó, meu pobre Armando!... (outro tom) O que foi que ele disse, hein? Ele não me xingou, não?

PRUDENCIA

Teve algumas palavras de ~~resposta~~ e era natural que as sentisse, coitado. Aconselhei-o a viajar e distrair-se. Coitado! Ficou tão abalado!...

MARGARIDA (trágica)

E eu? O que vai ser de mim agora, Imprudencia?

PRUDENCIA

Iremos viajar também.

MARGARIDA

Mas com que roupa?

PRUDENCIA

Havemos de dar um jeito. O Duque sabendo que abandonaste o senhor Armando ha de voltar a proteger-te. Pagarás tuas dívidas e iremos fazer uma longa viagem.

MARGARIDA

Mas se a gente vamo viajá não precisa pagá as dívida, bobage. Dixa o dinheiro pra gastá lá. Intão é isso mesmo. Vamo fazê uma viagem. Tu vai percurá o seu Duque e diz pra ele que por causa dele eu dexei o Armando na mão. Agora ele tem que aguezá a mão, sinão n'ois vamo se extranhá.

PRUDENCIA

É isto, sim. Eá vou falar com ele. (Arruma o chapéu ao espelho) Eu não demoro muito. Espera-me aqui. (Sei)

MARGARIDA

Puxa mas que engrolada!... Tuas por causa duma donzela que o pai é que diz, não sei.

MARIE (entrando)

Dona Margarida, o que é que a senhora tem que tá falando sózinha?

MARGARIDA (novamente trágica)

Ah Nanine!... É tu que tá me priguando?

NANINE

De celto que sô, oriessa. Puis antão a sinhora num tá me vendo? Pur acaso eu sô de vidro?

MARGARIDA

Nem quora sabê, Nanine, a disgracia que me aconteceu.

NANINE

Mas o que foi, meu Dues? A sinhora conte que eu já tô ficando afrita, dona Malgarida.

MARGARIDA (dramática)

Nanine! (Pausa) Tudo acabado!...

NANINE

Não me diga, dona Malgarida!...

MARGARIDA (idem)

Tudo acabado!

NANINE

Tudo acabado?

MARGARIDA

Tudo acabado! (outro tom) Chega, tu não acha? Eu já disse treis veis. É muita acabação.

NANINE

Que pena que eu tenho da sinhora, dona Malgarida. Tô filizina que a sinhora vivia com ele!...

MARGARIDA

Hô, sim!... Eu sô uma infelizina!... (Começa a chorar espalhafatosamente)

NANINE (chorando tambem)

A vida tem dessas coisa, dona Malgarida!... A sinhore se aconsole!...

MARGARIDA (no auge da tragédia)

Nunca mais!... nunca mais!... Tudo acabado!... (transição) Não tem nada pra gente comê aí, não? Tô com uma fome esahorra!

NANINE

Tem os pastel que a sinhora comprou na viagem.

MARGARIDA

Intão vamo comê depois a gente chora outra veis.

(CAE O PANO PARA O 2º ATO)

CENÁRIO: (Poderá ser o mesmo dos atos anteriores, mudando-se apenas o mobiliário que desta vez será o de um quarto de dormir) (Ao levantar o pano a cena está na penumbra). (Margarida está deitada na cama, completamente coberta por uma colcha de seda, tendo os pés destapados e roncando profundamente. Nanine está sentada numa cadeira, ao lado da cama, cambaleando de sono e despertando toda vez que os roncões se tornam mais fortes. De quando em vez Margarida esfrega um pé no outro para coçar-se. Batem seis badaladas. Nanine desperta, boceja, esfrega os olhos, levanta-se e abre a janela. A cena ilumina-se com o sol da manhã.)

NANINE (esfregando as cadeiras)

Credo! Que noite de cachorro!... Amnhã, si ela ainda não morrer, eu num vô mais drumi assentada, não. Trago o meu coreião e estendo ele aqui. (Campanha da rua) MISERICÓDIA! Essa casa parece uma arfandega! Malí a gente se alivanta e já tã batendo na campanha. Cruzi!... É de amalgá. (Sai, voltando pouco depois acompanhada de Prudencia)

PRUDENCIA (tom baixo)

Como passou ela a noite?

NANINE

Dizê a verdade memo eu num sei pruquê drumi quangi todo o tempo mas acho que ela tombem drumiu pulque vorta e meia eu me acollava assustada com os roncô dela.

PRUDENCIA (tom baixo)

O doutor disse ontem que ela teria poucas horas devida. Aproxima-se o fim cada vez mais.

NANINE

Coitada da dona Margarida!

PRUDENCIA

Póbre amiga!... Tã jovem e tãc bela!... Mas o que fazer? Deus assim o quer, seja feita a sua vontade. Fico desesperada cada vez que penso que vou perder a minha bõa amiga.

NANINE

E eu a minha patrõa, dona Imprudencia. Com essa crisis de emprego adonde é que eu vô trabalhá?

PRUDENCIA

Ha de se dar um jeito, Naine. Tu és bõa...

NANINE (interrompendo-a)

Ah sã. ~~Eu sei que sã.~~ Todos os soldado que se dão amigo diz a mesma coisa.

PRUDENCIA

Não ha de faltar quem te queira a seu serviço. Hei de falar com as minhas amigas e estou certa de que alguma delas ficará contigo.

NANINE

Mas óia aqui, dona Imprudencia, casa que ne pague. Patrõa que fique devendo eu num quero mais. Dixa vô! (contando nos dedos) Junho, Julho, Agosto e Setembro. Quatro seis. Quatro seis que eu não arrecebo o meu soldado. E já vai pra cinco. Agora ela morre aí memo é que eu acho que não arrecebo mais.

• PRUDENCIA

Está bem, Nanine, não te preocupes. Eu te arranharei uma bõa casa. Tu bem mereces ser amparada pela tua dedicacão e a tua bondade. Deixa-me agora contemplar o semblante da minha bõa e querida Margarida. (aproxima-se da cama e destapa, com cuidado, o rosto da enferma) Já se percebe a palidez da morte. (Margarida deve ter nas faces duas rodas de rouge posto com exagero) É melhor não perturbar mos o sono da pobresinha. Enquanto ela dorme o sofrimento é menor. (vai cobrir novamente o rosto de Margarida mas ela desperta, bocejante)

MARGARIDA

Ai, meu Deus!...

PRUDENCIA

(Chamando suavemente) Margarida!...

MARGARIDA

(Fazendo voz de moribunda) Quem é?

PRUDENCIA

Sou eu, Margarida, a Prudencia.

MARGARIDA

Adonde que tá tu que eu não te vejo, Imprudencia?

PRUDENCIA

Aqui, Margarida. Bem pertinho de ti. (Pausa) Não me vêes?

MARGARIDA

Já não enxelgo mais, Imprudencia. (Remexe-se na cama e enchem uns niqueis. ~~De~~ ~~baixo~~ do travesseiro. Margarida, lèpida, inclina-se da cama para o chão e começa a juntá-los. Ainda inclinada chama Nanine) Nanine, alcança aquele que tá lá pelto da polta que eu não posso alcançar ele.

NANINE

Adonde, dona Margarida que eu não vejo?

MARGARIDA

(Apontando o local mais distante da cama) Lá, ó. Lá tá ele no cantinho. (Nanine vai segura a moeda e alcança a Margarida. Ela olha a moeda) quarenta centavo. Se eu não vejo peldia eles. (Bota o dinheiro em baixo do travesseiro e volta à posição de moribunda, gemendo de vez em quando).

NANINE

A sinhora qué que lhe traga o café, dona Margarida?

MARGARIDA

Não, Nanine. Não quero mais nada. Já não tenho mais fome. Quero a morte e descanso de tanto sofrimento.

PRUDENCIA (em tom baixo)

Coitada! Dá-me tanta pena!... (Afasta-se para chorar em silencio)

NANINE

Óia aqui, dona Imprudencia, ela não qué café mas eu quero. A sinhora cuida ela um mucedo por inquanto eu vò lá dentro acendê o fogo e tumaê ele. Depois eu vorto.

PRUDENCIA

Está bem, Nanine, podes ficar descansada que eu a tomarei aos meus cuidados em tua ausencia.

NANINE

(da porta) Se ela pelesá guspi tá aí debaixo da cama. (Sai)

MARGARIDA

(com voz agonizante) Ai meu Deus que tortura!... Morrê sem vê o meu odorado Almendo!

PRUDENCIA

(aproximando-se de leito) Desejas alguma coisa, Margarida?

MARGARIDA

A morte, Imprudencia!... Só a morte pôde aliviá o meu suplicio!...

PRUDENCIA

PRUDENCIA

Não fales assim que me entristeces. Tu ainda ficarás boa e has de ser bastante feliz ao lado de Armando.

MARGARIDA (transição)

Sê besta, tu pensa que tu me engana?

PRUDENCIA

Has de ficar boa, sim. Iremos para o campo e tu te restabelecerás.

MARGARIDA

(voz de moribunda) Já não tenho infortúnios, Imprudencia!... A morte me espera e me chama-me.

PRUDENCIA

Não fales demais que te irritas. Vê se consegues dormir mais um pouco que o sono ha de te fazer bem. (Prudencia cobre melhor a doente que fica uns instantes quieta. Sôa a campainha da porta da rua)

MANINE

(atravessando a cena para atender a porta) Puxa que nem tu já café direito a gente pôde. Eu num digo que essa casa é uma arandega? (Sai)

PRUDENCIA

(reparando na quietude da doente) Parece que dormiu outra vez. E o seu sono já se assemelha ao sono da morte. (Volta Manine, acompanhada de Gastão. Este aproxima-se de Prudencia, aperta-lhe a mão sem dizer palavra e vem para o primeiro plano do palco onde ha duas cadeiras, uma ao lado da outra. Coloca numa delas a sua cartola e volta para Prudencia)

GASTÃO (baixo tom)

E então? Como vai a nossa desditosa amiga?

PRUDENCIA (idem)

Mal, muito mal. O médico desenganou-a ontem à noite.

GASTÃO

Se ao menos tivéssemos como avisar Armando...

PRUDENCIA

~~Reparando na quietude da doente~~ Não se sabe onde ele está. Depois da cena que houve entre eles em casa de Olimpia ele partiu com destino ignorado.

GASTÃO

Cena em casa de Olimpia, diz você? Mas o que houve afinal?

PRUDENCIA

Como! Você não sabe? Mas se toda a cidade comentou. Sente-se que eu vou lhe contar.

(Gastão senta-se na cadeira ao lado daquela em que está a sua cartola. Prudencia vai sentar-se justamente em cima da cartola quando ele, rapidamente e sem se alterar, tira-a da cadeira e fica com ela no colo)

PRUDENCIA

Imagine você que Armando encontrou-se com ela, alguns meses depois do rompimento, numa festa em casa de Olimpia. Não contente de cortejar Olimpia na sua frente, o que fez sofrer muitíssimo a pobre Margarida, ainda atirou-lhe ao rosto todo o dinheiro que havia ganho na mesa de jogo, dizendo-lhe que era para pagar o pouco de felicidade que ela havia dado a ele nos meses que tinham vivido juntos. Margarida teve uma síncope que quase lhe custou a vida naquela noite.

GASTÃO

PRUDENCIA

Depois daquela cena violenta e horrível Armando saiu desatinado e nunca mais o avisei. Disseram-me, mais tarde, que ele havia partido para uma longa viagem.

GASTÃO

Que bruto!... Bem... naturalmente ele fez isto porque estava alucinado de ciúmes.

PRUDENCIA

Mas de qualquer forma não deveris ter feito. Margarida também estava roida de ciúmes de Olimpia - porque ela o amava muito - e no entanto manteve uma linha impecável. Ele perdeu-a totalmente ao primeiro contato com ela.

GASTÃO

Coisas do amor, minha amiga. Coisas do amor! Bem, a minha demora é pouca. Vim apenas saber notícias da minha nossa desventurada amiga. (Levantando-se e apertando a mão de Prudencia) Minha boa Prudencia, adeus. Logo mais voltarei aqui novamente. Se antes isto necessitar de alguma coisa é só mandar procurar-me.

PRUDENCIA

Obrigada, Gastão. Nanine, acompanha o senhor De Rieux até à porta. (Gastão sai, acompanhado de Nanine) Estou extranhando a demora do médico, ele vem sempre tão cedo. Quem sabe se por ter certeza da inutilidade dos seus esforços é que já não se apressa mais. (Aproxima-se da doente e verifica se ela está dormindo e vai à cômoda cuja gaveta abre, começando a tirar alguns objetos. Nanine volta e fica da porta a observá-la. Aproxima-se depois e Prudencia assusta-se)

NANINE

Sorta isso aí, dona Imprudencia. O que é que a senhora tá mexendo nas coisa que não é sua?

PRUDENCIA

Procuro um leque que Margarida um dia disse que deixaria para mim ~~xxxxxxx~~ quando morresse.

NANINE

Tá bom, isso é quando ela morrer mas ansia como a senhora tá vendo ela ~~ela~~ ela ainda dura uns três ou quatro dias.

PRUDENCIA

Mas não sei que inconveniente possa haver em que me adone do leque agora ou daqui a três dias.

NANINE

Agora a senhora num leva nada porque eu num deixo. Depois vão dá farta vão pensar que fui eu que roubei.

PRUDENCIA

Pôdes dizer que o leque está comigo. Não me importo. Foi ela mesma que o destinou para mim.

NANINE

A senhora sorta esse leque aí não vai tê. Eu tô dizendo que num sai nada porque eu num deixo sai.

MARGARIDA

(sentando-se lépida na cama e falando forte) Que barulho é esse que vocês tão fazendo aí? Adonde é que se viu-se tá brigando pelta das pessoas duenta? Vocês não arrepeita nem as pessoa agunizanta? Arre que nem morrer direito a gente pôde. (deita-se e tapa-se novamente) (A campainha da rua torna a tocar)

NANINE

Eu num tô dizendo que essa casa é um inferno? Aí tem gente outra vez. (vai atender)

PRUDENCIA

Agora deve ser o medico. Bem que estava sendo necessária a sua presença.

MARGARIDA (moribunda)

Hô, Alando!... Meu odoado Alando!... Onde estades? Eu vô morrê sem te vê, men Alando!...

(Entra Nanine, acompanhada do Duque. Nanine toma-lha a cartola das mãos e coloca-a numa das cadeiras que está no primeiro plano do palco)

PRUDENCIA

(dirigindo-se ao Duque) Oh senhor Duque, que bom que veio!... (aperta-lhe a mão) Eu estou tão preocupada com a nossa doente!...

DUQUE

Por que? Ela pi-pi... pi-pi... piorou?

PRUDENCIA

Infelizmente sim. Acho que o fim se aproxima a passos gigantescos.

DUQUE (choroso)

Que desgraça, meu Deus!... tan-tan... tan-tan... tanto que eu tenho ~~resado!~~ (Aproxima-se de Margarida e depois de fitá-la alguns momentos, afasta-se com o lenço nos olhos) Até no leito de morte se parece com minha filha!...

PRUDENCIA

E foi essa aparência que ligou o seu destino ao dela.

DUQUE

Póbre Ma-ma... ma-ma... margarida!... Pobre e infeliz eri-eri... eri-eri... eriança!

NANINE

O sinhô num qué se assentá, seu Duques?

DUQUE

Que-que... que-que... quero ~~sim.~~ As minhas pernas ja co-co... já co-co... ja começam a vergar sob o pezo dos anos.

NANINE

Ali tem cadera, ô. Não perois, fazê cirimonia.

DUQUE

Que-que... que-que... quero sentar-me perto dela. Enquanto me fôr possível hei de co-co... co-co... hei de ~~contemplar~~ contemplar o formoso semblante. (Prudencia alcança uma cadeira e pede ao Duque que se sinta junto à cama da enferma)

PRUDENCIA

Pronto, senhor Duque.

DUQUE

Obri-bri... obrigado. Não lhe deram ainda alimento algum hoje?

PRUDENCIA

Ela não quiz, senhor Duque. Tem um fastio de morte. Nem mesmo as maçãs e as uvas que o senhor mandou ontem ela as quiz comer.

DUQUE

Mi-mi... mi-mi... minha filha foi assim, tal qual. Fo-fo... fo-fo... foi a senhora que esteve aqui com ela du-du... durante a noite?

PRUDENCIA

Não, senhor Duque. Esta noite passou-a Nanine.

DUQUE

Nanine é uma bôa creature.

NANINE

Nun só o sinhô o prezero que diz.

DUQUE

Hei de re-re... recompensar-te pe-pe... pela tua fidelidade.

(Nanine fica satisfeita e começa a andar em requebros para o Duque, até à sexta cadeira onde está colocada a cartola dele)

PRUDENCIA

Ela bem merece uma recompensa pela sua dedicação.

DUQUE

Ela a terá. Pó-pó... pó-pó... pôde estar certa.

(Nanine bate as mãos de contente, dá dois ou tres pulinhos à frente da cadeira e atira-se sentada em cima da cartola. Sente-a, porem e levanta-se rapidamente procurando agi-tá-la às escondidas de Duque. Ao terminar bota-a no mesmo lugar)

MARGARIDA (moribunda)

Ai, meu Deus!...

DUQUE

O que tem, minha que-que... minha querida?

MARGARIDA (idem)

Ai, meu Deus!...

DUQUE (afrito)

Ela deve estar sentindo alguma coisa. Pa-pe... pergunte-lhe o que tem, ma-ma... madame Prudencia.

PRUDENCIA

Eu já não tenho mais coragem para ver o seu sofrimento. (Bóta as mãos cobrindo o rosto e coloca-se justamente em frente à cadeira onde está a cartola).

MARGARIDA (moribunda)

Eu vou! Eu vou!... Ai que desta eu vou de verdade!...

DUQUE (afritissimo)

O que tens, minha filha? Pa-pa... faça... faz um esforço e diz.

MARGARIDA (moribunda)

Eu vô... eu vô... já tô indo!...

DUQUE

Ela está muito mal. Ela va-va... va-va... ela vai morrer, meu Deus!...

(Prudencia leva um @oque e sai sentada sobre a cartola do Duque. Sente-a, porem e procede igualmente com Nanine)

PRUDENCIA

Se ao menos o médico estivesse aqui...

MARGARIDA (moribunda)

Eu vô... eu vô... já tô indo... já tô indo... Já fui. Não, não não fui.

DUQUE

Vou pro-pro... procurar o medico. Pa-pa... parece-me que ela terá po-po... poucos minutos de vida.

PRUDENCIA

(entregando a cartola ao Duque) É meu amigo, vá. Vá mas não se desmore muito porque então talvez não volte mais a tempo de encontrá-la com vida.

(O Duque vai sair mas Nanine pega-o por um braço e arrasta-o para uma extremidade da cena, dizendo-lhe um segredo ao ouvido.)

DUQUE

(depois de escutá-lo) Quanto?

NANINE

(contando nos dedos) Junho, Julio, Agosto e Setembro. Quatro meiz.

DUQUE

Mu-mu... mu-mu... muito bem. Espere lá. (Mete a mão no bolso, tira um maço de dinheiro, vira-se para o lado contrário onde Nanine está e começa a procurar uma nota. Nanine espicha-se pelos lados procurando olhar. O Duque deixa cair uma nota e não se apercebe. Nanine apressa-se em botar o pé em cima. Recebe o dinheiro que o Duque lhe dá, toda sorridente) Pronto. Aqui c tens.

NANINE

Muito brigadinho, seu Duques. (O Duque vai saindo)

PRUDENCIA

Nanine, acompanhe o senhor Duque até à porta. (O Duque pára para esperar)

NANINE

Num posso, dona Imprudencia. Acompanha a senhora.

PRUDENCIA

Não podes por que?

NANINE

Pois eu num sei si foi um mau jeito que eu dei nesse ou se foi alguma câmbria que eu ganhei que num posso mexê ele. A senhora vê, ó? Eu faço folça e num posso mexê ele.

PRUDENCIA

Pois então repare Margarida que eu acompanharei o senhor Duque. Vamos, senhor Duque, eu lhe acompanho. (Sai os dois. No que desaparecem na porta, Nanine tira o pé de cima do dinheiro, apanha-o depressa e junta com o que recebeu. Entra Prudencia de volta). Passou que tinnas na perna, Nanine? Vejo-te andando outra vez, tão lécida?

NANINE

Passô, sim senhora. Eu acho que era uma câmbria, mesmo. No que a senhora saiu aquela polta ali eu istirei a perna anesia eum folça ela deu um estralo e passô. A senhora não ouviu?

PRUDENCIA

Não ouvi o que?

NANINE

O estralo que ela deu?

PRUDENCIA

Não.

NANINE

Ah pensei pulque foi tão arto! Óia aqui, dona Imprudencia, o seu Duques pagô os meus meiz. (Mostra o dinheiro)

PRUDENCIA

Você pediu dinheiro ao senhor Duque, Nanine?

NANINE

Pidi, sim senhora.

PRUDENCIA

Pois fez mal, fez muito mal. O Duque tem sido tão bom para Margarida, tem gasto tanto com ela!

NANINE

Ué, e eu com isso que ele teje gastando com ela? Comigo nunca gastô nada. Eu tava precisando e pidi.

PRUDENCIA

E quanto te deu ela?

NANINE (Mostrando o dinheiro)

Tudo isso.

PRUDENCIA

Quem sabe se tu queres eu guardo para ti, Nanine?

NANINE

Num senhora, num precisa, muito brigadinho. Tá em boas não.

PRUDENCIA

Está bem. Foi em teu interesse mesmo que ofereci.

NANINE

(Sabida) Eu sei. (Outro tom) Óia aqui, dona ^{Imprudencia} Margarida, a senhora vai ficar um buca d'inho aqui batendo sintido na dona Margarida que eu vô lá dentro tumá o meu café que até agora ainda não tumei.

PRUDENCIA

Que horror, Nanine, mas tu já estiveste tanto tempo lá dentro e não tomaste?

NANINE

Pur essa luz de Deus que num tomei. Quando ele tava quasi pronto e meca esse infelno dessa polta a batê, a batê eu num pude mais traminá. Deis que me alivantei que tô fazendo jumjum.

PRUDENCIA

É! Está bem, Nanine, então vai. Mas não demora muito, sim?

NANINE

A senhora tá com medo de ficar sózinha com ela num é dona Imprudencia? Num precisa tê medo que ela num vai morrer agora não. Isso aí ainda vai durá uns treis ou quatro dia. (Sai)

MARGARIDA

(moribunda) Oh vida marvada!... Ai meu Deus!...

PRUDENCIA

O que tens, minha querida? O que estás sentindo?

MARGARIDA (trágica)

Almandoi!... Eu quero o Almandoi!...

PRUDENCIA

Coitada! Até nos últimos momentos da sua agonia o seu pensamento está com Arnando.

MARGARIDA

Ai que sôdade, Almando!... Que sôdade dos cafunê que tu me fazias!... Pulque tu não vem, Almando?!...

PRUDENCIA

Ele vem agora, minha querida, acalma-te.

MARGARIDA

(sangrada, perdendo o tom de moribunda) Vem nada, deixa de enganar os outros. (moribunda) Ai meu Deus!... Que mundo triste!... Que vida marvada!... (Prudencia procura fazer-lhe cafunê) Num dianta fazê nada!...

PRUDENCIA

(desistido da intenção) Minha querida, não te agites tanto que isto te prejudica.

MARGARIDA

Almando!... Quero o Almando!... Depressa, Almando, depressa inhaute ~~que~~ ela venha.

PRUDENCIA (baixo tom)

Ela é a morte, com certeza.

MARGARIDA

Foi mentira, Almando! Tudo mentira!... Tudo calumnias que aliventaro do meu caráter. A verdade é que sempre te amei, meu odorado Almando!...

PRUDENCIA, (à parte)

(enxugando os olhos) Pobre e infeliz amiga!... Como deve ser triste morrer assim longe do ente amado.

MARGARIDA

(Sentando-se na cama) Lá vem ela! Lá vem ela! Não quero! Não quero!... Não quero! Manda ela embora. Não deixa ela me pegar. Almando!... Depressa, Almando! Ela já tá aqui! Ela que me levá nas eu não quero! Não vê, não vê. Me sorto. (gritando) Ai! Socorro!... Socorro! Me assegura que ela que me levá!...

NANINE (entra correndo)

Misericórdia! O que foi que deu nessa miúda?

PRUDENCIA

É o delírio da morte, Nanine. (Nanine faz rápido o sinal da cruz e a seguir vários sinais de quem está mandando a morte para longe. Margarida torna a deitar-se e volta à posição e ao tom de moribunda)

MARGARIDA

Almando!... Meu Almando!...

PRUDENCIA

Desde que saíste que ela só chama por ele.

NANINE

Óia aqui, dona Margarida, é besteira e a senhora tá chamando pelo seu Almando pulque ele não tá aí a senhora tá perdendo o seu tempo.

MARGARIDA

Eu quero o meu Almando!... Eu quero ele inhaute que ela chegue e ela já tá se aproximando.

NANINE

Ela quem, dona Imprudencia?

PRUDENCIA

A morte.

NANINE (benzendo-se)

Credo em cruzi! Fiscunjuro treis veiz. Totofum, totofum, totofum! Vai-te pras areia. Passa de lalgo pul mim e me dexa aqui assucegada, que eu tã muito jôve pra batê ca cõla na cõlea. (Campainha da porta da rua) Misiricõldia. Óia a mardita polta otra veizi!

PRUDENCIA

Vai abrir depressa, Nanine. Põde ser que seja o dõutor. (Nanine sai) Que coisa hor rival é a agonia da morte, meu Deus!... O pior não é morrer. É o que se custa para chegar até lá. (Entra Nanine, seguida de Duque e do dõutor)

NANINE

É o seu Duques co seu dotõ. (O dõutor aproxima-se de Prudencia e apertam as mãos. Prudencia segura-lhe a cartola, fazendo o mesmo com a do Duque. Passa-as a Nanine. Nanine apressa-se a botá-las nas duas cadeiras que estão á boca de cena, já preparadas para recebê-las. O Duque vendo que a cartola dele ficou justamente na cadeira onde já foi amassada por duas ou tres vezes, troca-a com a do dõutor. Durante este tempo o dõutor estará abrindo a sua maleta e mexendo em instrumentos de medicina ou tomando o pulso da enferma com um relógio na mão) (Podem aqui o ator que faz o papel de medico criar um tipo quasi cego que olha os pés em vez do rosto e toma o pulso no tornozelo e etc. Neste caso caberá a Prudencia chamar-lhe sempre a atenção para o engano).

PRUDENCIA

Que bom que o senhor veio, dõutor. Eu já estava tã aflita. Ela tem estado tã agitada!...

DUQUE (aflito)

Como está ela, meu caro d-o-do... meu caro dõutor? Diga. Di-diga.

PRUDENCIA

Muito mal, não é verdade dõutor?

DOUTOR

É fato.

DUQUE

(Ajoelhando-se de mãos postas) Oh d-o-do... do-tor. Slave-a, salve-a, pe-pe... pe-pe... pelo amor de Deus!...

NANINE

Oriessa, seu Duques, o dotõ num é Deus. Ele sarva ela si pudê, num é dotõ?

DOUTOR

É exato. (O Duque começa a chorar. Prudencia vem a ele)

PRUDENCIA

Console-se meu bom amigo. Infelizmente o saber humano é impotente ante a vontade do supremo Senhor de todos os mundos.

DOUTOR

É fato. (Caminha até à mesa, tira da pasta um bloco de papel e uma caneta tinteiro)

PRUDENCIA

Vai receitar uma poçõosinha, dõutor, vai? (Ele faz sinal negativo com a cabeça)

DUQUE

Um xa-xa... um xa-xa... um xaropesinho para a tosse? (Sinal negativo do dõutor)

NANINE

Cum celtaza umas estaprasaa pra butá no peito dela. (Sinal negativo do dõutor)

PRUDENCIA

(Procurando ler o que ele escreve) O que é isto, então?

DOUTOR

O atestado de óbito.

PRUDENCIA

(assustada) Como? Ela já morreu?

DOUTOR

Ainda não, mas está quasi. Já se adeanta um serviço.

(Prudencia leva o lenço aos olhos e vem vindo para a frente da cadeira onde está a cartola do doutor, chorando muito. Nanine vem para perto, consola-la e chorando também, coloca-se à frente da outra cartola. Margarida tem uns estertores e dá uns gritinhos)

DUQUE

Do-do... doutor. Depressa do-do... do-do... doutor!

DOUTOR

(aproximando-se de Margarida e tomando-lhe o pulso que solta em seguida) Morreu!

(Prudencia e Nanine deixam-se cair, chorando nas cadeiras onde estão as cartolas, amassando-as. O Duque começa a chorar em altos brados. Margarida senta-se na cama, furiosa)

MARGARIDA

Péra aí, seu Duque, eu ainda não morri. Que coisa que me dexa felnetica! Dexe eu morrer premero, depois ta berra. (Deita-se, e usa ela mesma as mãos sobre o peito o peito e diz) Pronto, agora pôde chorá a vontade. Já fui.

(O Duque recomeça a chorar em altos brados. O doutor cobre totalmente Margarida com a colcha. Prudencia e Nanine levantam-se de onde estão e ajoelham-se perto da cama, chorando muito. O Duque, chorando também, coloca-se por traz de Nanine prendendo-lhe, sem querer, a saia com os pés.)

ARMANDO

(vindo da rua, a gritar e a correr) Margarida! Margarida! Minha querida Margarida! Não me abandones!

MARGARIDA

(destapando o rosto) Tu veio tarde. Eu já fui. (Retoma a posição anterior)

(Com a entrada de Armando, Prudencia e Nanine levam um choque e levantam-se rapidamente. Como a saia de Nanine está presa nos pés do Duque ela fica em xxi calças que devem ser compridas e com laçarotes nas pernas) (Armando atira-se sobre o corpo de Margarida a chorar e a chamar por ela. Nanine se apercebe da situação em que se encontra e empurra o Duque de cima da sua saia, recolhendo-a do chão e botando-a à fx sua frente para tapar-se, num gesto de decore).

(CORRE O PAPO RÁPIDO PARA
O FINAL DO TERCEIRO ATO.)